

623



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



300

of
91209

300.

1617258.

1742
 Segunda
 Invenção, este
 era a 2ª ed. A
 1ª de Coimbra de
 Real Officina de Universidades,
 1774. 3ª impressão obra impressa
 de Alva Albuquerque. Varnhagen
 que não conheceu a edição de
 Universidade, disse ser esta de
 1773 e haver saído em Coimbra.
 1774
 1952

O DESERTOR.

P O E M A

HEROICO-COMICO

P O R

M A N O E L I G N A C I O

DA SILVA ALVARENGA,

NA ARCADIA ULTRAMARINA

ALCINDO PALMIRENO.

O DESSERTOR.

POEMA

HEROICOMICO

POE

DE MANOEL JOAQUIM

DE SILVA ALVAREGA

IN ACADEMIA LYRICA

ALCINDO PALMIRINO

DISCURSO

S O B R E O

POEMA HEROI-COMICO.

A Imitação da Natureza , em que consiste toda a força da Poesia , he o meio mais efficaz para mover , e deleitar os homens ; porque estes tem hum innato amor á immitação , harmonia , e rythmo. Aristoteles , que bem tinha estudado a origem das paixcens , assim o affirma no cap. 4. da Poet. Este innato amor foi o que logo ao principio ensinou a imitar o Canto das Aves : elle depois foi o inventor da Flauta , e da Poesia como felizmente exprimio Lucrecio no liv. 1. v. 1378.

*At liquidas avium voces imitarier ore
Ante fuit multò , quam levia carmina cantu
Concelebrare homines possent, aureisque juvare:
Et Zephyri cava per calamorum sibila primum
Agrestes docuere cava instare cicutas.*

O prazer , que nos causaõ todas as artes imitadoras , he a mais segura prova deste principio. Mas assim como o sabio Pintor para mover a compaixão naõ representa hum quadro alegre , e risonho ; tambem o habil Poeta deve escolher para a sua imitação acçoens con-

ducentes ao fim que se propoem : por isso o Epico , que pertende inspirar a admiração , e o amor da virtude , imita huma acção na qual possa apparecer brilhantes o valor , a piedade , a constancia , a prudencia , o amor da Patria , a veneração dos Principes , o respeito das Leis , e os sentimentos da humanidade. O Tragico , que por meio do terror , e da compaixão deseja purgar o que ha de mais violento em as nossas paixoes , escolhe acção , onde possa ver-se o horror do crime acompanhado da infamia , do temor , do remorso , da desesperação , e do castigo : em quanto o Comico acha nas acçoens vulgares hum dilatado campo a irrisão , com que reprehende os vicios.

Qual destas imitações consegue mais depressa o seu fim , he difficil o julgar ; sendo tão differentes os caracteres , como as inclinaçoens ; mas quasi sempre o coração humano regido pelas leis do seu amor proprio , he mais facil em ouvir a censura dos vicios , do que o louvor das virtudes alheas.

O Poema chamado Heroi-comico , porque abraça ao mesmo tempo huma e outra especie de poesia , he a imitação de huma acção comica heroicamente tractada. Este Poema pareceo monstruoso aos Criticos mais escrupulosos ; porque se não pôde (dizem elles) assignar o seu verdadeiro caracter. Isto he mais huma nota pueril , do que bem fundada critica ; pois a mistura do heroico , e do comico não

involve a contradicção, que se acha na Tragi-comedia, onde o terror, e o riso mutuamente se destroem.

Naõ obsta a authoridade de Plataõ referida por muitos; porque quando este Filosofo no Dialogo 3. de sua Republica parece dizer que são incompativeis duas diversas imitações, falla expressamente dos Authores Tragicos, e Comicos, que já mais serão perfeitos em ambas.

Esta Poesia não foi desconhecida dos Antigos. Homero daria mais de hum modello digno da sua mão, se o tempo, que respeitou a *Batrachomyomachia*, deixasse chegar a nós o seu *Margites*, de que falla Aristoteles no cap. 4. da *Poet.* dizendo, que este poema tinha com a Comedia a mesma relação, que a *Iliada* com a Tragedia. O *Culex*, ou seja de Virgilio, ou de outro qualquer, não contribue pouco para confirmar a sua antiguidade.

Muitos são os poemas heroi-comicos modernos. A *Secchia rapita* de Tassoni he para os Italianos o mesmo que o *Lutrin* de Boileau para os Francezes, e o *Hudibraz* de Butler, e o *Rape of the lock* de Pope para os Inglezes.

Huns fugeitáráo o poema heroi-comico a todos os preceitos da Epopea, e quizeráo que só differisse pelo comico da acção, e misturáráo o ridiculo, e o sublime de tal sorte, que servindo hum de realce a outro, fizeraõ apparecer novas bellezas em ambos os generos. Outros omitindo, ou talvez desprezando al-

gumas regras, abrião novos caminhos á sua engenhosa fantasia, e mostráráo disfarçada com innocentes graciosidades a critica mais insinuante, como M. Gresset no seu Ververt.


Naõ faltou quem tractasse comicamente huma acção heroica; mas esta imitação naõ foi tambem recebida, ainda que a Parodia da Eneida de Scarron possa servir de modello.

He desnecessario trazer á memoria a authoridade, e o successo de taõ illustres Poetas para justificar o Poema Heroi-comico, quando naõ ha quem duvide, que elle, porque imita, move, e deleita: e porque mostra ridiculo o vicio, e amavel a Virtude, consegue o fim da verdadeira poesia.

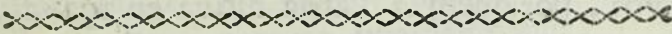
Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci;
Horat. Poet. ψ. 342.

Discit enim citius, meminitque libentius illud;
Quod quis deridet, quam quod probat, ac
veneratur.

Horat. Epist. i. l. 2. ψ. 262.



O DESERTOR.



CANTO I.

MUSAS cantai o Desertor das letras ;
Que , depois dos estragos da Ignorancia ,
Por longos , e durissimos trabalhos
Conduzio sempre firme os companheiros
Desde o loiro Mondego , aos Patrios montes :
Em vaõ se oppoem as luzes da Verdade
Ao fim , que já na idéa tem proposto :
E em vaõ do Tio as iras o ameaçaõ.

E tu , que á sombra d'huma maõ benigna ,
Genio da Lusitania , no teu seio
De novo alentas as amaveis Artes ;
Se ao surgir do lethargo vergonhoso
Naõ receas pisar da Gloria a estrada ,
Dirige o meu batel , que as vélas solta ,
O porto deixa , e rompe os vastos mares
De perigosas Syrtes povoados.

Quaes seriaõ as causas , quaes os meios
Porque Gonçalo renuncia os livros ? Os

*Que depois dos estragos da Ignorancia. Depois de aboli-
dos os velhos Estatutos pela creação da nova Universidade.*

Os conselhos , e industrias da Ignorância
 O fizeram curvar ao peso enorme
 De tão difficil , e arriscada empreza.
 E tanto pôde a rustica progenie !

A vós , por quem a Patria altiva enlaça
 Entre as pennas vermelhas , e amarellas
 Honrosas palmas , e sagrados louros,
 Firme columna , escudo impenetravel
 Aos assaltos do Abuso , e da Ignorancia ,
 A vós pertence o proteger meus versos.
 Con senti que elles voem sem receio
 Vaidosos de levar o vosso Nome
 Aos apartados climas , onde chegaõ
 Os écos immortaes da Lusa gloria.

Já o invicto Marquez com regia pompa
 Da risonha Cidade avista os muros.
 Já toca a larga ponte em aureo coche.
 Alli junta a brilhante Infantaria ;
 Ao rouco som de musica guerreira
 Troveja por espaços : a Justiça
 Fecunda mãi da Paz , e da abundancia

Vem

E tanto pôde a rustica progenie ! Virg. En. l. i. . . .
 Tanta ne animis cœlestibus ira. M. Despreaux no Canto I.
 do Lutrin.

Tant de fiel entre-til dans l'ame de Devots !

Já o invicto Marquez com regia pompa. O Illustrissimo ,
 e Excellentissimo Senhor Marquez de Pombal entrou em
 Coimbra como Plenipotenciario , e Lugar Tenente de sua
 Magestade Fidelissima para a creação da Universidade em
 22 de Setembro de 1772.

Vem a seu lado: as Filhas da Memoria
 Digna immortal corôa lhe offerecem,
 Premio de seus trabalhos: as Sciencias
 Tornaô com elle aos ares do Mondego;
 E a Verdade entre jubilos o aclama
 Restaurador do seu Imperio antigo.
 Brilhante luz, paterna liberdade,
 Vós, que fostes n'hum dia sepultadas
 Co' bravo Rei nos campos de Marrôcos;
 Quando traidoras, impias mãos o armárao
 Victima illustre de ambição alhea,
 Tornai, tornai a nós. Da regia stirpe
 Renasce o vingador da antiga affronta.
 Assim o novo Scipião crescia
 Para terror da barbara Carthágo.
 Possaô meus olhos ver o Ismaelita
 Nadar em sangue, e pállido de susto
 Fugir da morte, e mendigar cadêas;
 E amontoando Lúas sobre alfanges
 Formar degráos ao Throno Lusitano.
 Dissiparaô-se as trevas horrorosas,

Que

Co' bravo Rei nos campos de Marrôcos. O Senhor Rei D. Sebastião ficou em Africa no anno de 1578, e se perdeu com elle a liberdade Portugueza, donde nascerao as funestas consequencias, que até agora se fizerao sentir.

Renasce o vingador da antiga affronta. O Serenissimo Senhor D. Jozé Principe herdeiro.

Assim o novo Scipião crescia. Publio Cornelio Scipião vingou a morte de seu Pai, e Tio destruindo Carthago.

Possaô meus olhos ver o Ismaelita. Os Moiros são descendentes de Ismael filho de Agar.

Que os bellos horizontes affombravaõ ;
 E a fuspitada luz nos apparece.
 Tal depois que raivoso , e sibillante
 Sobre o carro da Noite o Euro açoita
 Os tardios cavallos de Boótes ,
 E insulta as terras , e revolve os mares ;
 Raia a manhã serena entre douradas ,
 E brancas nuvens : ri-se o Ceo , e a Terra :
 O Vento dorme , e as Horas vigilantes
 Abrem ao claro Sol a azul campanha.

A soberba Ignorancia em tanto observa ,
 E se confunde ao ver o proprio throno
 Abalar-se , e cahir : o seu ruido
 Redobra os écos nos oppostos valles ,
 E o Mondego feliz ao mar undoso
 Leva alegre a noticia , porque chegue
 Das suas praias aos confins da Terra.
 Ella abatida , e só naõ acha abrigo ,
 E desta sorte em seu temor suspira.

Verei eu sepultar-se entre ruinas
 O meu reino , o meu nome , e a minha gloria ;
 Depois de ser temida , e respeitada ?
 Pobre resto de miseros vassallos
 Naõ ha mais que esperar. Já fui rainha :

Já

Sobre o carro da noite o Euro açoita. Euro o vento vulgarmente chamado L'Este. Boótes constellação na cauda da Urça , ou a Guarda.

Os tardios cavallos de Boótes. Juvenal Sat. 5. v. 23.
 Frigida circumagunt pigri Sarraca Bootæ.

Já fostes venturosos : não sofframos
 As injurias , que o vulgo nos prepara :
 Injurias mais crueis do que a desgraça :
 Deixemos para sempre estes terriveis
 Climas de mágoa , susto , horror , e estrago.
 Mostrai-me algum lugar desconhecido ,
 Onde occulta repouse , até que possa
 Tomar de quem me offende alta vingança.
 Mas onde , se hum Prelado formidavel
 Esse Argos , que me assusta , vigilante
 Ao lugar mais remoto estende a vista ?
 Monstros do cego abyfmo , em meu soccorro
 Empeñhai o poder do vosso braço ;
 Que se entre os homens me faltar asylo ;
 Ao triste vaõ dos asperos rochedos ,
 Onde o Tenaro escuro , e cavernoso
 Da morada sombria as portas abre ,
 Irei chorar meus dias sem ventura :
 Irei Assim fallando misturava
 Gemidos , e soluços , que suffocaõ
 Dentro do peito a voz , e humedecia

Co'

Mas onde se hum Prelado formidavel. O Illustrissimo, e
 Excellentissimo Senhor Bispo de Coimbrã Reitor, e Re-
 formador da Universidade.

Argos fingio a fabula ser Pastor de Theffalia, que tinha
 cem olhos, a quem Juno deu a guardar Jo filha de Ina-
 cho Rei dos Argivos.

Onde o Tenaro escuro, e cavernoso. Promontorio de La-
 caonia, onde ha huma cova profundissima, que os antigos
 chamaraõ a porta do Inferno. Virg. Georg. l. 4. v. 467.

Tanarias etiam fauces alta ostia Ditis.

Co' pranto amargo a face descorada.
 Mas logo , serenando o rosto afflicto ;
 Corre por entre sustos , e esperanças
 Ao caro abrigo do fiel Gonçalo.
 A sonolenta , a pigra Ociosidade
 Por esta vez deixou de acompanhá-la :
 E a languida Preguiça forcejando
 Póde apenas segui-la com os olhos.

Toma a fôrma d'hum célebre Antiquario
 Sebastianista accerrimo , incançavel ,
 Libertino com capa de devoto.
 Tem macilento o rosto , os olhos vivos ,
 Pesado o ventre , o passo vagaroso :
 Nunca trajou á moda : huma casaca
 Da côr da noite o veste , e traz pendentés
 Largos canhoens do tempo dos Affonsos .
 Dizem que o tempo da mais bella idade
 Consagrou ás questoes do Peripato.
 Já vio passar dez lustros , e experiente
 Sabe enredos urdir , e por-se em salvo.
 Entra por toda a parte , e em toda a parte
 He conhecido o nome de Tiburcio.

Gonçalo , que foi sempre deseioso
 Da mais bella instrucção , lia , e relia
 Ora os longos acasos de Rozaura ,

Ora

*Ora os longos acasos de Rozaura. Carlos , e Rozaura ,
 constante Florinda , e Carlos Magno são romances muito
 conhecidos.*

Ora as tristes desgraças de Florinda ,
 E sempre se detinha com mais gosto
 Na cova Tristifea , e na passagem
 Da perigosa ponte de Mantrible.
 Repetia de côr de Albano as queixas
 Chamando a Damiana injusta , ingrata ;
 Quando Tiburcio apaixonado , e triste
 Ralhando entrou. Que esperas tu dos livros ?
 Crês que ainda appareção grandes homens
 Por estas invençoens , com que se apartaõ
 Da profunda sciencia dos antigos ?
 Morreraõ as *postillas* , e os *Cadernos* :
 Cabio de todo a *Ponte* , e se acabaraõ
 As *distincçoens* , que tudo defendiaõ ,
 E o *ergo* , que fará faudade a muitos !
 N'outro tempo dos Sabios era a lingua
Fôrma , e mais *fôrma* : tudo em fim se acaba ;
 Ou se muda em peor. Que alegres dias
 Naõ foraõ os de Maio , quando a estrada
 Se enchia de Arrieiros , e Estudantes !
 O' tempo alegre , e bemaventurado !
 Que facil era entaõ o azul Capello
 Adornado de franjas , e alamares ,
 O rico anel , e fluctuante borla ,
 Honra , e fortuna , que chegava a todos !
 Hoje he grande a carreira , e serãõ raros
 Os que se atrevaõ a tocar a méta :
 A' Gonçalo ! Gonçalo ! que mais vale

Ti-

Cabio de todo a ponte. O methodo escolastico. Quem
 conheceo a Logica peripatetica , naõ ignora qual seja esta
 ponte.

Tirar co'a propria maõ no fertil Souto
 Molles castanhas do espinhoso ouriço!
 Quanto he doce ao voltar da Primavera
 O saboroso mel no louro favo!
 O' alegre, e famosa Miofeiha
 Fertil em queijos, fertil em tramoços!
 Só lá de romaria em romaria
 Podes viver feliz, e descansado:
 Quem te obriga a levar sobre os teus hombros
 O desmedido pezo, que te espera?
 Não tenhas do bom Tio algum receio:
 Comigo irás: bem sabes quanto posso.
 Se te envergonhas de ser sô, descança;
 Fiel parente amigo inseparavel
 Eu farei que abraçando o mesmo exemplo
 Muitos se apressem a seguir teus passos.

Assim fallava: quando hum ar de riso
 Apareceo no rosto de Gonçalo.
 Tudo o que se deseja se acredita;
 Nem ha quem o seu gosto desaprove.
 Elle porque já traz no pensamento
 Poupar-se dos estudos á fadiga
 Não vacilla na escolha, e se aproveita
 Da feliz occasião, que lhe assegura
 O meditado fim de seus desejos.

Convocaõ-se os heróes, e deliberaõ
 Em pleno consistorio, onde Gonçalo
 Silencio pede, e assim a todos falla:
 Heróes, a quem huma alma livre anima,
 Que

Que desprezando as Artes , e as Sciencias ,
 Ides buscar da Patria no regaço
 Longe da fugeiçãõ , e da fadiga
 Doce descanso , amavel liberdade :
 Se algum de vós (o que eu não creio) ainda
 Tem n'alma o vaõ desejo dos estudos ,
 Levante o dedo ao alto. Huns para os outros
 Olharaõ de repente , e de repente
 Rouco , e brando sussurro ao ár se espalha :
 Qual nos bosques de Tempe , ou nas frondosas
 Margens , que banha o placido Mondego ,
 Costuma ouvir-se o Zefiro suave ,
 Quando menêa os alamos sombrios.
 Nenhum alçou a maõ , e a Ignorancia
 Pareceo consolar-se , imaginando
 Sonhadas glorias de futuro imperio.

Dispoem-se a companhia , e se aparelha
 Para partir antes que o Sol defate
 Sobre a Terra orvalhada as tranças d'ouro.
 Tiburcio tudo aprompta. Mas Janeiro
 Loquaz , traidor , domestico inimigo
 Vôa de casa em casa publicando
 Da forte esquadra a proxima partida.

Guiomar , velha que ha muito que insensivel
 A's delicias do amor , afferrolhando
 Emmagrece nos miseros cuidados
 Da faminta ambiçãõ , e he na Cidade

Hu-

Qual nos bosques de Tempe. Lugar de Tessalia célebre
 pela amenidade dos seus bosques.

Huma ave de rapina , que entre as unhas
Leva tudo o que encontra aos ermos cumes
Da escaldada montanha , onde a festejaõ
Co' a boca aberta os ávidos filhinhos :
Triste agora , e infeliz ouve , e se affusta
Das noticias crueis , que o Moço espalha.
O' Ama desgraçada ! O' dia infausto !
Agora que esperava mais focego
Principiaõ de novo os meus trabalhos !
Estas , e outras palavras arrancava
Do peito descontente , em quanto a Filha
Amorosa , e sagaz estuda os meios ,
Com que possa deter o ingrato amante :
Faz ajuntar de partes mil á pressa
Cordoens , e ancis , e a pedra reluzente ,
Que os olhos defafia : os seus cabellos ,
Que desconhecem o toucado , empasta
Co' a cheirosa pomada : a Mãi se lembra
Da propria mocidade , e lhe vai pondo
Com a tremula maõ vermelhas fitas.
Simples noiva da aldêa , que ao mover-se
Teme perder o defusado adorno ,
Nunca formou mais vagarosa os passos.
Narciza chega entre raivosa , e triste ,
E fingindo esquecer-se da mantilha
Para mostrar-se irada , desta sorte
Em alta voz lhe falla. Será certo
Que pertendes fugir , e que me deixas
Infeliz , enganada , e descontente ?
Assim faltas cruel , pérfido , ingrato
D' hum longo amor aos ternos juramentos ?

Naõ disseste mil vezes mas que importa
 Que os meus males recorde? em fim perjuro
 As tuas vans promessas me enganaraõ.
 Justiça pedirei ao Ceo , e ao Mundo :
 O mundo tem prizoens , o Ceo tem raios.

Fallava ; e o Heróe , que arrasta ainda
 D'hum incommodo amor os duros ferros
 Parece vacillar ; quando Tiburcio
 Dá conselhos a hum , a outro ameaça
 Pondo irados os olhos em Narciza.
 Diz-lhe que em vaõ suspira , que em vaõ chora
 E que sempre tiveraõ as mulheres
 Para enganar aos miseros amantes
 As lagrimas no rosto , o riso na alma.
 Gonçalo entaõ , que o seu dever conhece ,
 Dá provas de valor , e de prudencia.
 Ouve Narciza bella (lhe dizia)
 Serena a tua dôr , e os teus queixumes :
 O teu pranto me move , injusto pranto ,
 Que o meu constante amor de ingrato accusa :
 Socega : a nova herança d'hum morgado
 He quem me chama , a ausencia será b'eve.
 Tempo depois virá , que em doces laços
 Eterno amor as nossas almas prenda ,
 E entaõ farás tibornas e magustos.
 Nem sempre cobre o mar a longa praia :
 Nem sempre o vento com furor raivoso
 Do robusto pinheiro o tronco açoita.

B

Aca

Tiborna Comida feita de pão e azeite novo.
Magusto. Castanhas assadas, e vinho.

Acaba de fallar , e lhe offerece
A leve bolsa , que Narciza acceita
Como penhor sincero de amizade ,
Bolsa , que deve ser na dura ausencia
Breve consolação de tristes mágoas.

O experto Amigo , que se mostra em tudo
Companheiro fiel , com os olhos tristes ,
Pondera os longos , e asperos caminhos :
Lembra funestas noites de estaiagem ,
E adverte em vão , que ao menos por cautella
Deve fazer-lhe a bolsa companhia.
Deixando em fim inuteis argumentos
Remette a decisaõ ao proprio braço.
Naõ se esquecem das unhas , nem dos dentes
Armas , que a todos deo a Natureza.
Ouvem-se pela casa em som confuso
As troncadas injurias , e os queixumes.
Assim dois caens , se o hospede imprudente
Lança da meza os ossos esburgados ,
Promptos avançãõ ; d'huma , e d'outra parte
Se vê firme o valor : mordem-se , e roinaõ ;
Mas naõ cessa a contenda. Amigo , e amante
Que farias Gonçalo em tanto aperto ?
Concorre a plebe , e o fervido tumulto
Vai pelas negras furias conduzido
Despertando nos peitos a desordem.
Ninguem sabe porque , mas todos gritaõ.
Já voaõ as cadeiras pelos ares :
Pédras , e páos de longe se arremeçaõ.
E se a candida Paz com rosto alegre

Serenou as desgraças deste dia ,
 Os teus dentes , intrepido Gonçalo ,
 Viſte voar em negro ſangue envoltos.
 Torna alegre Narciza , e cinco vezes
 Abrio a bolſa , e numerou a prata :
 Fez diverſas porçoens , que n'hum momento
 Tornou a confundir : não d'outra forte
 O menino impaciente , e cubiçoſo ,
 Quando alcança o que ha muito lhe negavaõ ,
 Repara , volta , move , ajunta , eſpalha ,
 E neſte giro o ſeu prazer ſuſtenta.

E. tanto a mãi , que já por experiencia
 Os enganos conhece mais occultos ,
 Busca novos pretextos de vingança
 Fingindo torpes , e horroroſos crimes ,
 E eſpera ouvir gemer em poucas horas
 O mancebo infeliz em prizaõ dura.
 Mas Rodrigo , que ouviu o rumor vago
 A' preſta chega , e deſta forte falla.

Que desgraça te eſperaõ ! foge , foge
 Gonçalo em quanto ha tempo : gente armada
 Vem logo contra ti. Guiomar convoca
 Todo o poder do mundo : hum ſó momento
 Não percas , caro amigo ; os companheiros
 Com alvoroço eſperaõ. A' deixemos ,
 Deixemos d'huma vez eſtas paredes ,
 Onde co' proprio ſangue eſcripta deixas
 De teu tragico amor a breve historia.
 He já outro o Mondego : a liberdade

Destes campos fugio , e só ficaraõ
 A dura fugeiçaõ , e o triste estudo.
 Em fim heide apartar-me desta sorte ?
 O' sempre tristes , sempre amargos sejaõ
 Os teus ultimos dias , velha infame.
 Gonçalo assim chorando , monta , e parte.

C A N T O II.

C Om largo passo longe do Mondego
 Alegre a forte gente caminhava.
 Gonçalo excede a todos na estatura ,
 Na força , no valor , e na destreza.
 Sobre hum magro jumento se escarrancha
 Tiburcio , e já d'hum ramo de salgueiro
 Desata ao Norte fresco , que assobia ,
 Por vistoso estandarte hum lenço pardo.
 Cosme infeliz , e sempre namorado
 Sem ser correspondido , vai faudoso ,
 Ama , e não sabe a quem : vive penando ,
 E se consola só porque imagina
 Que tem de conseguir melhor ventura.
 Rodrigo , que de todos desconfia ,
 He de indole grosseira , e genio bruto ,
 Não conhece os perigos , nem os teme :
 Melancolico sempre , vai por gosto
 Viver na choça , aonde foi creado.
 Qual o Tatú , que o destro Americano

Vi-

Vivo predeo , e em vão depois se cança
 Por faze-lo domestico , que sempre
 Temeroso nas conchas se recolhe
 E parece fugir á luz do dia.
 Tambem vinha Bertoldo , e traz comsigo
 Carunchosos papeis por onde affirma
 Vir do septimo Rei dos Longobardos.
 Grita contra as riquezas , a Fortuna
 Segundo o que elle diz não muda o fangue :
 Piza com força o chaõ , e empavezado
 De acçoens , que elle não póde chamar suas ,
 Aos outros trata com feroz desprezo.
 Iracundo Gaspar , que te enfureces
 No jogo , e quando perdes não duvidas
 Metter a mão á ferrugenta espada ,
 Tu não ficaste : as noites sobre os livros
 Não queres supportar , porque não temes
 Da já viuva mái as froxas iras.
 Nem tu Alberto alegre , e desejado
 Nas vistosas funçoens das romarias ,
 Que és vivo prompto , e agil , e nos bailes
 Tens fama de engraçado , e gargantêas
 Co' a viola na mão trocando as pernas.
 Os que aprendem o nome dos aucthores ,
 Os que lem só o prologo dos livros ,
 E aquelles , cujo somno não perturba
 O concavo metal , que as horas conta ,
 Seguirão as bandeiras da ignorancia
 Nos incriveis trabalhos desta empreza. ○

Vir do septimo Rei dos Longobardos. Povos de Escandinavia, e Pomerania, que se apoderaraõ da parte da Gallia Cisalpina em 568.

O Sol já sobre os campos de Amphitrite
 Inclina o carro , e as nuvens carregadas
 Inportunos chuveiros ameaçaõ ;
 Quando a velha estalagem os recebe.

Meza de tosco pinho se povôa
 De negras azeitonas , e falgado
 Queijo , que estima a gente que mais bebe.
 D'hum lado , e d'outro lado se levantaõ
 Picheis , e copos , em o vinho abunda.
 Corriaõ para aqui desafiados
 Rodrigo o triste , e o glotaõ Tiburcio.
 Este instante fatal he que decide
 Da dubia forte dos heróes cobrindo
 Hum de eterna vergonha , outro de gloria.

A feia Noite , que aborrece as luzes ,
 Desce dos altos montes com mais pressa
 Por ver este combate , e affugentada
 Pela sombria luz d'hum candêa
 De longe observa o novo desafio.
 Hum , e outro occupando as mãos , e a boca
 Avidamente a devorar começa.
 Assim esse animal grosseiro , e pingue ,
 Que de alpestres bolótas se sustenta ,
 A' pressa come , e tendo huma nos dentes ,
 N'outra tem o desejo , e n'outra a vista.
 Rodrigo quasi certo da victória
 Co' as mãos ambas levanta hum grande cópo ,
 Cópo digno de Alcides , e á saude
 De todos os famosos Desertores

De huma vez o esgotou : entã Tiburcio
Cheio de nobre ardor , fechando os olhos
Toma hum largo pichel , e assim lhe falla.

Vasilha da minha alma , tu que guardas
A alegria dos homens no teu seio ,
E tu filho da cêpa generoso ,
Se estimas , e recebes os meus votos ,
Derrama sobre mim os teus encantos.
Jã tinha dito muito : e em quanto bebe
Voa a cega Discordia , que se nutre
De sangue , e de vingança , e sobre os côpos
Tres vezes sacodio as negras azas.
Viaõ-se já nos lividos semblantes
A raiva sanguinosa , a má tristeza
A Noite , a quem o Acasto favorece ,
Estende a fusca mão , e a luz abafa.
Veloz passa o furor de peito em peito ,
Perturba os coraçoes , e inspira o odio.

Só tu Gonçalo descrever podéras
Os terriveis estragos desta noite ,
Tu , que posto debaixo d'huma banca
(Por não manchar as mãos no sangue amigo)
Sentiste pela casa , e pelos ares
Rolar os pratos , e tinir os côpos.
Range os dentes Gaspar , e pelo escuro
Não acerta co' a espada , nem co' a porta :
Quando Ambrosio , que tinha envelhecido
Da Estalagem na misera officina
Co' a candêa na mão assim fallava.

He crível , que entre vós já mais se encontre
 Hum genio docil , serio , e moderado ?
 Isto deveis ás lettras ? respondi-me ,
 Ou insultai tambem os meus cabellos
 Da triste , e longa idade embranquecidos.
 Julgais acaso , que o saber se infunde
 Deixando o vosso nome assignalado
 Pelos muros , e portas da Estalagem ?
 O' nescia mocidade ! he necessario
 Muito tempo soffrer , gastando a vista
 Na continua lição , e sobre os livros
 Passar do frio Inverno as longas noites.
 E quando já tivesséis conseguido
 De tão bella carreira os dignos premios ;
 Muito pouco sabeis , se inda vos falta
 Essa grande Arte de viver no mundo ;
 Essa , que em todo o estado nos ensina
 A ter moderação , honra , e prudencia.
 Eu tambem já na flor da mocidade
 Varrí co' a minha capa o pó da falla :
 Eu tambem fui do *rancho da carqueja* ,
 Digno de fama , e digno de castigo.
 Era então como vós. Já mais os livros
 Me deverão cuidado , e me alegrava
 Das nocturnas emprezas , dos disturbios :
 Os dias se passavaõ quasi inteiros
 Nos jogos , nos passeios , nas intrigas ,
 Que fomentaõ os odios , e as vinganças.

Por

Eu tambem fui do rancho da carqueja. Esta Companhia
 de Estudantes commetteo muitos crimes , e foi dispersa,
 e castigada.

Por isso estou no seio da miseria :
 Por isso arrasto huma infeliz velhice
 Sem honra , sem proveito , sem abrigo :
 Tempo feliz da alegre mocidade !
 Hoje encurvado sobre a sepultura
 Eu choro em vão de vos haver perdido !
 Assim suspira , geme , e continua :
 Conservai sempre firme na memoria
 D'hum velho desgraçado o triste exemplo ,
 E apprendei a ser bons , que a vossa idade
 As indignas acçoens não justifica.
 Mas se vós desprezais os meus conselhos ,
 Nunca gozeis o premio dos estudos :
 Afflicçoens , e trabalhos vos opprimão ,
 Em quanto o mar das Indias vos espera.

Então Gaspar tomando o caso em brio
 Acceso de ira con valor responde ,
 Traça o capóte , e tira pela espada.
 O velho grita , e foge : ás suas vozes
 De rusticos hum povo se enfurece ,
 E toma as armas , e bradando avança.
 Qual nos immensos , e profundos mares
 O voraz Tubaraõ entre o cardume
 De argentadas Sardinhas : ellas fogem ,
 Deixaõ o campo , e nada lhe resiste ;
 Assim Gonçalo , a quem já todos temem ,
 Faz espalhar a turba , que o rodêa ,
 E só deixa a quem foge de encontrallo.

Gaspar , que o rosto nunca vio ao medo ,
 A todos desafia , e não perdoa D'hu-

D'humã oliveira, ao carcomido tronco,
 Que elle julga broquel impenetravel,
 Vendo estalar da sua espada a folha.

Da noite a densa nevoa os favorece.
 Receosos de nova tempestade
 Salvaõ as vidas os Herões fugindo
 Per entre o mato espesso. Ouvem ao longe
 Da vingativa plebe a voz irada.
 A' clara luz das pinhas rezinosas
 Aparecem as foices, e apparecem
 Chuços, cacheiras, trancas, e machados.
 Levanta-se o clamor; e a crua guerra,
 Que o sangue dos mortaes derrama, e bebe;
 Gira por toda a parte, e move as armas.
 Em tanto a valerosa companhia
 Amparada da sombra feia, e triste
 Voa por longo espaço sobre as azas
 Do pallido terror. Não d'outra forte
 Rasos chavécos de piratas Mouros,
 Quando os eccos do bronze fulminante
 Vem tremolar as vencedoras Quinas
 Sobre a possante Náo, que opprime os mares
 Fogem á vela, e remo, e não descansão
 Sem ter beijado as Argelinas praias.
 Ouvem-se entaõ diversos sentimentos.
 Chora Gaspar de se não ter vingado,
 E ainda aqui colerico assevéra
 Que a não faltar-lhe a espada não fugira.

Es-

A' clara luz das pinhas rezinosas. Costumaõ os rusticos
 accender de noite as pinhas.

Espada, que ao romper as linhas d'Elvas,
Se dos velhos Avós não mente a historia,
Abrio de meio a meio hum Castelhana.

Teme Bertoldo, que o encontre o Povo,
E no meio daquella escuridade
Chega-se aos mais com panico receio.
Cosme quasi insensivel aos perigos,
E aos amargos momentos desta noite,
Approveita o silencio, o sitio, a hora
Para chorar faudades sem motivo.
Só Gonçalo pensava cuidadoso
Em salvar os afflictos companheiros.
Assim o astuto assolador de Troya,
Quando os Gregos heróes ouviu certos
Grunhir nos bosques da encantada Circe,
Ou quando vio a detestavel meza
Na vasta cova do Cyclope horrendo.
Onde estarás fiel, e caro amigo!
(Dizia o conductor da stulta gente)
Se tu me faltas como irei metter-me
Nas mãos d'hum Tio rustico, inflexivel?
Voltarei? mas ó Ceos! quem me assegura

Que

As linhas d' Elvas. Gloriosa batalha, que ganhou D. Antonio Luiz de Menezes Excellentissimo Conde de Cantanhede, no anno de 1658. A este heróe tambem se deve o triumpho de Montes Claros.

Assim o astuto assolador de Troya. Ulysses cujos companheiros foram transformados por Circe Homer. odiss. l. 10. v. 238.

Ou quando vio a detestavel meza. Polyphemo devorou dois Gregos em presença de Ulysses Odiss. l. 9. v. 289.

Que essa velha cruel , nefanda harpia
 Não tenha urdido algum funesto engano ?
 E se o Povo indignado , e offendido
 Nos vem seguindo , e ao surgir da Aurora
 Neste inculto deserto Ceo piedoso
 Longe , longe de nós tão graves damnos.

Gonçalo assim fallava , e vigilante
 Tristes horas passou , até que o dia
 Apareceo entre rosadas nuvens
 Sobre as altas montanhas do horizonte.

C A N T O III.

A Fama sobre o carro transparente ,
 Que arrastão ao travez do espaço immenso
 O sonoro Aquilon , e o veloz Austro ,
 Cantava o caro nome , a immortal gloria
 Do Augusto Pai do Povo. Entre milhares
 De acçoens dignas d'hum Rei , Europa admira
 O soberbo Edifficio levantado ,
 Que o faudofo Mondego abraça , e adora :
 Edifficio , que o tempo devorante
 Vê de longe , rodêa , teme , e foge :
 Que sustenta em firmíssimas columnas
 Da sciencia immortal o Regio Throno.

Se longe da feroz barbaridade
 Os olhos abre a forte Lusitania ,
 Grande Rei esta acção he toda vossa. Em

O sonoro Aquilon , e o veloz Austro. Aquilon vento septentrional , e Austro meridional.

Em tanto a Fama heroica vão seguindo
 As velozes , e incognitas noticias ,
 Que trazem , e que levaõ os successos
 De paiz , em paiz , de clima , em clima.
 Ellas voaõ em turba , enchendo os ares
 Dos eccos diffonantes , a que attendem
 Credulas velhas , e homens ociosos.
 Qual no fertil Certaõ da Ajuruõca
 Vaga nuvem de verdes Papagaios ,
 Que encobre a luz do Sol , e que em seus gritos
 He semelhante a hum povo amotinado :
 Assim vaõ as Noticias , e estas vozes
 Pelo campo entre os rusticos semeaõ.

Gente inexperta , alegre , e sem cuidados ,
 Fero esquadaõ , que os vossos campos tala ,
 Vem destruindo as terras , e os lugares.
 O povo indocil , cego , e receoso ,
 Que as funestas palavras acredita :
 Toma os caminhos , e os outeiros cobre.
 Por onde irás , intrepido Gonçalo ,
 Que escapes ao furor da plebe armada ?
 Mas já os desgraçados companheiros
 Desciaõ por incognitas varedas
 Para o fundo d'hum valle cavernoso ,
 Que o Zêzere veloz lavando insulta

Co'

Qual no fertil Certaõ da Ajuruõca. Ajuruõca na lingua dos Indios sãa o mesmo que *casa de Papagaios*. Este vasto paiz nas Minas do Rio das mortes he abundantissimo destas aves.

Que o Zêzere veloz lavando insulta. Este pequeno , e arrebatado rio perde o nome no Tejo , e faz a maior parte do seu curso por penhascos inacessiveis.

Co' as turvas aguas do gelado Inverno.
 Ha hum lugar nunca dos homens visto,
 Na raiz de dous montes sobranceiros.
 Suaõ as frias, e musgofas pedras,
 Que dos altos cabeços penduradas
 Ameaçãõ ruina ha tempo immenso.
 Já mais do Caõ feroz o ardor maligno
 Desfez a neve eterna destas grutas.
 Arvores, que se firmãõ sobre a rocha,
 Famintas de sustento á terra enviaõ
 As tortas, e languissimas raizes.
 Pendentes caracões co' a fragil concha
 Adornãõ as obobadas sombrias.
 Neste lugar se esconde temerosa
 A Noite envolta em longo, e negro manto
 Ao ver do Sol os lucidos cavallos:
 Funebre, eterno abrigo aos tristes mochos,
 A's velhas, ás fatidicas corujas,
 Que com medonha voz gemendo augmentaõ
 O rouco som do rio alcantilado.

Rufino por seu mal sempre extremofo,
 E sempre escarnecido, suspirando
 Aqui se entrega ao pallido ciume,
 D'hum puro amor ingrata recompensa.
 Contaõ, que nestas horridas cavernas
 De miseras angustias rodeado,
 Vinha exhalar os ultimos suspiros
 Queixando-se de Amor, e da Fortuna:

En-

Já mais do Caõ feroz o ardor maligno A constellação chamada a Canicula.

Entre os braços do somno repoufava
Este infeliz já de chorar cançado ;
Quando a inquieta Ignorancia , que se afflige ,
De ver nestas montanhas escabrosas
Os timidos amigos , em que funda
De novo imperio a unica esperança :
Porque Rufino os acompanhe , e guie
A' pingue , e suspirada Mioselha ,
Que he de tantos heróes Patria famosa ,
Finge o rosto da bella Dorothea ,
Dorothea a mais nova , a mais humana
De quantas filhas teve o velho Amaro.
Ella na roca na cinta , as mãos no fuso
Em sonhos lhe apparece , e mais coráda ,
Que a rosa na manhã da Primavera ,
A fallar principia. Se até agora
Ingrata me mostrei a teus amores ,
Se inconstante , e perjura me chamaste ,
Da-me nomes mais doces , e ouve attento
D'huma alma amante a confissão sincera.
Sempre te amei , e espero ver unidos
Os nossos coraçoes em fortes laços
Do casto amor , que o Ceo não desaprova.
Mas eu sem nada mais , que a lá , que fio ,
Tu rico só de affectos , e palavras ,
Onde iremos , que a sordida miseria
Não seja em nossos males companheira ?
Vai-te , e longe de mim segue a ventura ,
Que firme te hei de ser em toda a idade.
Do velho Affonso o triste , e pobre filho ,
Pela dura miadrafta affugentado ,

Tam-

Tambem deixou a suspirada Patria,
 E veio em poucos annos o mais rico
 Dos bens immensos, que o Brazil encerra.
 Vê; tu quanto cresceo, que não cabendo
 No paterno cazal, ergue as paredes
 Até chegar ao Ceo, que testemunha
 A ditosa uniaõ com que elle paga
 O firme amor da venturosa Ulina?
 Vai pois Rufino meu, que muias vezes
 Muda-se a terra, e muda-se a Fortuna.

Assim fallando os braços lhe offerece.
 O' que instante feliz, se Amor perversê,
 Dos ultimos favores sempre avaro,
 Não firmasse esta sombra de ventura
 Sobre as azas de hum sonho lisonjeiro!
 Desperta o triste, e desgostoso amante,
 E não duvida que a presaga imagem
 N'outro lugar thesouros lhe promette.
 Futuros bens na idéa se apresentaõ,
 E elle crê possuillos. O' dos homens
 Continuo delirar sem fundamento!
 Que bella, e facil se nos pinta a posse
 D'hum incognito bem, que deseamos!

Já se ajuntava o esquadraõ famoso
 Pela mesma Ignorancia conduzido,
 E Gonçalo primeiro assim fallando,
 Os mais em roda todos escutavaõ.

Benigno habitador de incultas brenhas
 Se hum desgraçado errante, e peregrino Den-

Dentro em tua alma a compaixão desperta,
Os meus passos dirige, antes que a fome
Com impia mão nos deixe frio pasto
A's bravas feras, ás famintas aves.

Fallava ainda: alguns estremeceraõ,
Outros amargo pranto derramaraõ.
Da boca de Rufino todos pendem.
Elle os languidos olhos levantando
Já do longo chorar enfraquecidos,
Estas vozes soltou do rouco peito:
Que Fortuna cruel, maligna, incerta
Vos rouxe a penetrar o intacto abrigo
Destes lugares ermos, e escabrosos?
Vós em mim achareis amigo, e guia:
Que póde dar alguma vez soccorro
Hum desgraçado a outro desgraçado.
Duros casos de amor me conduziraõ
A acabar nesta gruta os tristes dias;
Mas hoje volto por feliz presagio
A tentar n'outra parte a desventura.

Acaba de fallar movendo os passos
Pelo torcido vaõ das nuas pedras.
Todos o seguem com trabalho immenso.

Depois que largo tempo caminharãõ
Por asperas montanhas, apparecem
Ao longe a estrada, e o lugar visin! o.
Qual a não soffredora das tormentas,
Que, depois de tocar o porto amigo,

Sente fugir-lhe as arenosas praias,
E dos horridos ventos agoitada
Volta a lutar c'ò pelago profundo:
Assim Gonçalo, quando ver espera
Tranquillo fim de miseros trabalhos,
O povo cerca, e dos confusos gritos
As montanhas ao longe retumbaraõ.
Vós ó Musas, dizei como a Discordia
Com o negro tiçãõ, que accende os peitos,
Mostra o rosto de sangue, e pò coberto,
Seguindo os passos do homicida Marte.
Aqui naõ apparecem refulgentes
Escudos d'aço, e bronze triplicado:
Naõ assombraõ a testa dos guerreiros
Fluctuantes penachos, que ameaçaõ,
Como tu viste, ó Troya, ante os teus muros;
Mas o valor intrepido apparece
A peito descoberto. O povo armado
De choupas, longos páos, e curvas fouces,
He semelhante a hum bosque de pinheiros,
Que o fogo devorou, deixando nuas
As elevadas pontas. Animoso
Dispoem Gonçalo a forma de batalha
Posto na frente: á sua voz a hum tempo
Todos avançaõ, todos se aproveitaõ
Das perigosas, e terriveis armas,
Que o terreno offerece em larga copia.
Voa a cega Desordem, e apparece
No meio do combate. Por hum lado
Gaspar se oppoem arremeçando pedras
Com força tal, que atroaõ os ouvidos.

Gon-

Gonçalo d'outra parte invicto, e forte
 Abre co' ferro agudo amplo caminho.
 Já pendia a balança da victoria
 Contra a timida gente, que se espalha;
 Quando chega atrevido Braz o forte.
 (Gigante Ferrabraz lhe chama o povo
 Pela enorme estatura, e força incrível)
 Ergue a pezada maça sem trabalho,
 Qual nos montes de Lerne o fero Alcides:
 Gonçalo evita a morte com destreza:
 Elle renova os formidaveis golpes;
 Mas o irado mancebo ao desviar-se
 Tropeça, e cahe. Neste arriscado instante
 Serias morto, intrepido Gonçalo,
 Se Gaspar c' hum rochedo aspero, e rombo
 Não atalhasse do inimigo a furia,
 Quebrando-lhe com golpe repentino
 Ambas as canas do direito braço.
 Rangem os ossos, e a terrivel maça
 Cahindo sobre a terra ao longe sóa.
 Torna a ajuntar-se a fugitiva plebe,
 E o prudente Gonçalo, que deseja
 Mostrar o seu valor n'outros perigos,
 Finge-se morto: a turba irada o pisa,
 Mas elle não se move. Contra todos
 Então Gaspar em colera se accende:
 Ameaça, derriba, ataca, e fere;
 Até que já sem forças, rodeado
 Vê de seus companheiros os opprobrios.

C 2

Sôa

*Qual nos montes de Lerne o fero Alcides. Lerne lago de
 Achaia, onde Hercules matou a Hydra.*

Sôa nas costas dos heróes valentes
 O duro azambujeiro, e são levados
 Ao som terrivel de insultantes gritos
 Para a escura prizaõ, que os esperava.
 Gonçalo, o bom Gonçalo as mãos atadas,
 Os olhos para o chão, porque era terno
 Não refreou o compassivo pranto.
 A par d'elle Bertoldo em vão lamenta
 A falta de respeito, que devia
 Rustica plebe ao neto de Alarico.
 Com vagaroso passo todos marchaõ,
 Como as ovelhas por caminho estreito:
 Tal depois da ruina de hum Quilombo
 Vem a indomita plebe da Ethiopia,
 Quando rico dos louros da victoria
 O velho Chagas sempre valeroso
 Cobre o fuzil da pelle da Guariba,
 E forra o largo peito c'os despojos

Da

Rustica plebe ao neto de Alarico. Alarico Rei dos Godos, que alcançou muitas victorias contra os Romanos no tempo de Honorio.

Tal depois da ruina de hum Quilombo. Fortificaçãõ de escravos rebellados, que muitas vezes se fazem temidos pelas suas hostilidades.

O velho Chagas. Este famoso Indio foi dos que mais se assignalataõ nas occasioens de ataques contra os escravos.

Cobre o fuzil da pelle de Guariba. Guariba especie de mono, cuja pelle serve aos viajantes dos Certoens para livrar o fuzil da humidade, e costumãõ estes homeus forrar-se com a pelle dos animaes, que mataõ. Póde ver-se M. Buff. no tom. 4. edic. de 4. vol. pag. 378. Lin. syst. nat anim. ed. 10. tom. 1. pag. 26. *Paniscus.* Marcgr. 226.

Da malhada Panthéra , e do escamoso
Jacaré nadador , que infesta as aguas.

CANTO IV.

T Iburcio , que nas guerras da estalagem
Soube abrandar os inimigos peitos ,
Pondo-se como em extasi profundo
Com os olhos no Ceo , e as mãos no peito ,
Vem a empenhar a força das intrigas.
Que não farás intrepida Ignorancia
Por libertar os tristes prisioneiros !

Tem o cuidado das ferradas portas
Amaro vigilante , inexoravel ;
Mas credulo , e medroso ; e tem ouvido
Não sem horror pela calada noite
Grafnar nos ares , e mugir nos campos
Feias bruxas , e vagos lubifomes.
Com elle o Antiquario se acredita
Por hum devoto , e santo Anachoreta ,
Que passa os breves dias deste mundo
Entre os rigores d'huma austera vida.
Amaro , que se fia de apparencias ,
Para nutrir o fragil penitente
Vai degolando os patos , e as gallinhas.
Em tanto (quem dissera !) a propria filha
Innocente era o movel deste enredo ,

Seu

Seu nome he Dorothea , e no semblante
 Genio se lhe descobre inquieto , e leve.
 E como estes momentos preciosos
 Não se devem perder , depois que a fome
 Affugentou do estomago vasio ,
 Com branda voz em tom de profecia
 Humildade affectando assim começa.

Pois tanta caridade ufais comigo
 O Senhor , que reparte os seus thesouros ,
 Vos encherà de mil prosperidades.
 A vossa filha . . . mas convém que eu cale
 Os segredos , que o Ceo me communica :
 Inda vereis nascer entre riqueza
 Os venturosos netos , doce arrimo
 Aos fracos dias da caduca idade.
 O velho então co' as lagrimas nos olhos
 Assim fallou : O' filho abençoado ,
 Que pela debil voz já me parecez
 Habitador do Ceo , quanto consolaz
 As peccadoras cás , que te estão vendo !
 Assim talvez seria o meu Leandro ,
 Se as bexigas em flor o não roubassem !
 Dez annos tinha , quando a morte avara
 Cortou co' a dura mão seus tenros dias.
 Então suspira , e segue passo a passo
 A longa enfermidade ; e em quanto narra
 Aparece Marcella , conhecida
 Entre todas as velhas por mais sabia
 Em penetrar olhando para os dedos

Tu-

Em penetrar olhando para os dedos. Esta superstição tem tido grande uso, vulgarmente dizer a buena dicha.

Tudo quanto já d'antes lhe contaraõ.
Sobre pequeno páo , a que se encosta ,
Ella vem debruçada pouco a pouco ,
O semblante enrugado , os olhos fundos ,
Contra o nariz opposta a barba aguda :
Os dous ultimos dentes balanceao
C'o pestifero alento , que respira.
Em segredo lhe mostra Dorothea
A esquerda maõ porque ella decifrasse
As confusas palavras de Tiburcio.
Ella observa , e depois de mil tregeitos
Franzindo a testa , arcando as sobrançelhas ,
Com voz tremula , e fraca assim dizia.

O' que grande ventura o Ceo te guarda !
Por esposo terás hum cavalheiro
Que te ama , e te deseja. Mas ai triste ?
Em vaõ chora infeliz o terno amante
Nessa escura prizaõ desconhecido
Por casos de fortuna. Criaí filhos ,
O' desgraçadas mãis , para que hum dia
Longe de vós padeçaõ mil trabalhos !
Aqui suspira a boa velha , e chora.
Duas vezes começa , e depois falla.
O seu nome he Gonçalo : he rico , e nobre ,
E mancebo gentil , robusto , e louro.
Estas , e outras palavras lhe dizia ,
E Dorothea já se sente amante ,
Excogitando os mais seguros meios
De abrir a porta , e darlhe a liberdade.
Na molestia prizaõ o novo engano ,

De imperceptivel arte pronto effeito ,
 Sabe o Heróe , e assim comfigo falla.
 O' amigo taõ raro como a Fenix ,
 Que podendo deixar-me entre estes ferros ,
 Vens encher-me de alivios , e esperanças !
 Valentes expressoens em crespa frase ,
 Que ao Alivio de Tristes rouba a gloria ,
 Pensando felizmente resuscita
 Aquellas hyperbolicas finezas ,
 Que em seus escritos prodigou Gerardo.
 N'hum pequeno papel como convinha
 A triste , e desgraçado prisioneiro ,
 Vio Dorothea as letras amorosas ,
 Que os ditos confirmaraõ de Marcella ,
 E dous grandes presuntos , que jaziaõ
 Intactos na despenha do bom velho ,
 Vaõ levar a reposta accompanhados
 Do roxo neectar , que dissipa os males.
 Mensageira fiel entaõ affirma ,
 Que virá Dorothea abrir-lhe as portas
 Nas horas , em que o placido socego
 Dos cançados mortaes os olhos cerra.
 Gonçalo espera timido , e confuso
 Vem-lhe á memoria o seu antigo affecto ;
 Qual leve sombra : escuta , arde , e deseja
 Sentir no coração novas cadeias.

Já

Que ao Alivio de Tristes rouba a gloria. Romance vulgar.
Que em seus escritos prodigou Gerardo. Gerardo de Escobar
*fez huma obra , que intitulou *Cristaes d'alma* , cheia de*
ridiculas hyperboles.

Já com a fria mão a noite escura
 Entre o miudo orvalho derramava
 Papoilas soporíferas, que inspiraô
 O brando somno, e o doce esquecimento.
 Reina o vago silencio, que accompanha
 De amor furtivo os tragicos transportes:
 Gonçalo entaõ, cançada a fantasia
 Sobre os meios, e os fins de seus projectos;
 Pouco a pouco se esquece, e pouco a pouco
 Cerra os olhos, boceja, dorme, e sonha.
 Quando vòa do leito, onde deixava
 Nos braços do Descanço ao Pai da Patria
 A brilhante Verdade, e lhe apparece
 N'humas nuvem azul bordada d'ouro
 A Deoza occupa ao meio, hum lado, e outro
 A severa Justiça, a Paz ditosa.

Benignos Ceos enchei meus puros votos:
 Fazei que esta celeste companhia,
 Como do terno Avô rodea o throno,
 De seu Neto immortal orne a Coroa.

Gonçalo vio, e pondo as mãos nos olhos
 Recea, e teme de encarar as luzes.
 Abre os olhos, mortal, (assim lhe falla
 Do claro Ceo a preciosa filha)
 Abre os olhos, verás como se eleva

Do

Como do terno Avô rodea o throno. O Augusto e Fidelissimo Rei de Portugal.

De seu Neto immortal orne a Coroa. O Serenissimo Príncipe Herdeiro.

Do meu nascente Imperio , a nova gloria.
 Esses muros , que a perfida Ignorancia
 Infamou temeraria com seus erros ,
 Cobertos haõ de ser em poucos dias
 Com eternos signaes. de meus triunfos.
 Eu sou quem de intrincados labyrinthos
 Poz em salvo a razaõ illeza , e pura.
 Eu abri aos mortaes os meus thesouros :
 Fiz chegar aos seus olhos quanto esconde
 No seio immenso a fertil Natureza.
 Põde huma destra maõ por mim guiada
 Descrever o caminho dos Planetas :
 O mar descobre as causas do seu fluxo :
 A Terra mas que digo ? Que sciencia
 Naõ fiz tornar ás margens do Mondego ,
 Ou d'entre os braços da Latina Gente ,
 Ou dos bellos paizes , cujas praias
 O mar azul por toda a parte lava !
 Se são firmes por mim o Estado , a Igreja
 Se he no seio da paz feliz o Povo ,
 Dizei-o vós , O' Ninfas do Parnaso.
 Illustres , Immortaes , vós que dictastes
 As poderosas leis a vez primeira ,
 Vós , que ouvistes da lyra de Mercurio

Os

Do meu nascente Imperio a nova gloria. A Universidade de Coimbra novamente creada.

Eu sou quem de intrincados labyrinthos. A Filosofia Racional sem os enredos dos syllegismes Peripateticos.

Eu abri aos mortaes os meus thesouros. A Fyfica.

Fiz chegar aos seus olhos quanto esconde. A Historia Natural.

Ou dentre os braços da Latina Gente. Os optimos , e famosos Professores , que **El Rei Fidelissimo** attrahio de diversas partes da Europa.

Os uteis meios de alongar a vida.
 Eu vejo renascer hum Povo illustre
 Nas armas, e nas letras respeitado.
 O seu nome vai já de boca em boca
 A tocar os limites do Universo.
 O pacifico Rei lhe traz os dias
 Dignos de Manoel, dignos de Augusto.
 E tu em quanto a Patria se levanta
 Sacodindo os vestidos empoados
 Co' a cinza vil de hum ocio entorpecido:
 Em quanto corre a mocidade alegre
 A colher louros ávida de gloria,
 Serás o froxo, o estupido, o infensivel?
 Sacrificas o nome, a honra, a Patria
 Aos molles dia de huma vida escura?
 Cego errado mortal, vê que te enganas.
 Disse: e cerrada a nuvem luminosa,
 Estremece Gonçalo: foge o somno:
 Por toda a parte lança incerto a vista,
 Busca affustado, mas já nada encontra.
 As mesmas impressoens em seus sentidos
 Vivas imagens pintaõ, e não sabe
 Se entaõ dormia, ou se inda agora sonha.
 Sente a suave força da Verdade;
 Mas recusa abraça-la. Triste sorte
 D'alma infeliz, que ao erro se acostuma!

Em tanto sem receio o Velho dorme,
 E a filha vem as sombras apalpando

Com

Dignos de Manoel dignos de Augusto. O Senhor Rei D.
 Manoel, chamado o Feliz.

Com as chaves na mão : e quantas vezes
 Segue , vacilla , pára , e lhe parece
 Ouvir a voz do Pai : escura , e treme ;
 Move os passos tropeça , e ao ruído
 Acorda Amaro , e grita. Ella se appressa ,
 E torna a tropeçar. Aqui Tiburcio
 Em casos repentinos prompto , e destro
 Em hum lançol se embrulha , e corre ao leito ,
 Onde jazia o Velho espavorido ,
 Que cuida que vê bruxas , e fantasmas :
 Então lhe diz em tom medonho. O' filho ,
 Ingrato filho , que de hum Pai te esqueces :
 Que mal , que mal cumpriste os meus legados ?
 Hoje comigo irás Ao Velho o medo
 Corre as medullas dos cançados ossos :
 A voz lhe falta , eriça-se o cabello.
 Em tanto as portas Dorothea abrindo
 (Amor a fez intrepida) abraçava
 O promettido esposo : elle se apressa ,
 Acorda os miserandos companheiros ,
 Que se alegião deixando solitarias
 As vagas sombras da prizaõ funesta.
 Passa o resto da noite entre temores
 Amaro , quanto pôde o prejuizo !

Apenas matizava a branca Aurora
 Da Tyria côr o veo açafroado ,
 Quando o Velho ao travez da luz escassa
 Vio abertas as portas. Dorothea ,
 Dorothea onde estás ? Assim clamava ,
 E entregue á sua dôr consulta os olhos

Do profeta , que prompto a por-se em marcha
Com rosto de candura , e de innocencia
Brandamente o consola. O Ceo , Amigo ,
Tudo faz por melhor , e muitas vezes
Com trabalhos crueis aos bons afflige.
Disse , e deixando ao Pai desconsolado ,
Caminha na esperanza de encontrar-se
C'o o valente esquadrão dos fugitivos ,
O Sol já com seus raios luminosos
Tinha roubado ás folhas dos arbuttos
O frio gélo do nocturno orvalho.
Eis á sombra de funebre arvoredos
Rufino o melancolico chorando.
Quem és , que em tua mágoa inconsolavel
Pareces abalar estas montanhas ?
Compassivo pergunta o Antiquario ,
E depois de chorar por largo tempo ,
Estas vozes o triste lhe tornava.
Eu sou aquelle amante sem ventura ,
Sempre estremofo , e sempre escarnecido ,
Soffredor das ingratas esquivanças ,
Que vi (ai dura vista !) face a face
Do tardo Desengano o feio rosto.
A' Dorothea , hum sonho lisonjeiro
Meus dias dilatou para que agora
Te visse em outros braços , insultando
O meu fiel amor ? O' noite infausa ,
Noite terrivel , noite acerba , e dura !
Quanto eu fora feliz , se a tua sombra
Eternamente os olhos me cobrisse !

Tiburcio , que já tudo penetrava ,
 Do caminho se informa , e dos lugares ;
 Por onde fora a incerta companhia ,
 Que em tanto risco o seu conselho espera.

Naõ distante se eleva antigo bosque
 Horrroso por fama : já nos tempos ,
 Em que torrente Barbara sabindo
 Do seio da Meotis inundava
 As provincias d' Europa , aqui se via
 Arruinado Templo. Os vividoiros
 Cyprestes se levantaõ sobre os pinhos :
 Heras , e madre silvas enlaçadas
 Alli fazem curvar a crespa rama
 Dos velhos , e intractiferos carrafcos.
 Tres fontes misturando as puras aguas
 Mansamente se envolvem , e offerecem
 A' vista cubiçosa os alvos seixos ,
 E os verdes limos , que no fundo nascem.
 Os amigos fieis aqui se encontraõ.
 Qual em noite funesta , e pavorosa
 Perdido caminhante , que recêa
 Achar em cada passo hum precipicio ,
 Se acaso a dubia luz divisa ao longe ,
 A esperança renasce , e de alegria
 Sente pular o coração no peito ;
 Assim o Desertor constante , e forte
 Ao ver o companheiro , que prudente
 Sabe evitar , e prevenir os males.

El-

*Em que torrente Barbara sabindo. A irrupção dos Barba-
 ros foi no seculo V.*

Elles se reconhecem , e derramaõ
 De alegria , e ternura o doce pranto.
 O' vinculos do fangue , e da amizade !
 Menos unidos vio o Lacio antigo
 Aos dous Troyanos , que humma cega roite ,
 Espalhando o terror no campo adverso ,
 Levou ás turvas margens de Achronthe.
 Gonçalo se retira pelo bosque ;
 Com elle vai Tiburcio , e mil projectos
 Formavaõ sobre o fim da grande empreza ;
 E a muito facil , e infeliz donzella
 Do seu profeta o rosto , e a voz conhece ,
 E pensa , e teme de se achar culpada.

Entaõ o Amor , que na sonora aljava
 Esconde settas de mortal veneno ,
 E settas d'outro ardor mais grato , e puro ,
 Fazia escolha das terriveis armas ,
 Para vingar-se da cruel Marfiza :
 Marfiza ingrata , perfida , inconstante ,
 Peito de bronze , a quem a natureza
 Naõ formou para ternos sentimentos.
 E por ver se os seus tiros correspondem
 Sempre fieis á maõ , e ao desejo ,
 Faz no teu peito , ó Dorothea , o alvo ;
 As forças prova , e a destreza ensaia.
 Encurva o arco eburneo , solta , e vôa
 Sequiosa de fangue a ponta aguda
 Tinçta no Averno. Ao golpe inevitavel

Tre-

*Aos dous Troyanos que humma cega noite. Niso , e Eutialo
 Virg.*

Tremeo o coração, e hum vivo lume
 Nos olhos apparece: do seu braço
 Admira a força Amor. Vai outra setta
 Ao brando peito incauto, e descoberto
 Do mancebo infeliz. A vez primeira
 Soube de amor o namorado Cosme.
 Que violenta paixão pôde encobrir-se!
 Os olhos fallaõ: seguem-se as palavras;
E depois o delirio. O tempo he furdo
 Aos votos dos amantes. Elles viaõ
 Crescer ditoso em rapidos momentos
 De huma nova esperança o bello fructo;
 Mas Gonçalo a favor dos arvoredos
 Occulto chega, pára, e ceva as iras.
 Tal pôde ver-se o rapido Jaguára
 Do fertil Ingahy nos vastos campos,
 Se tem defronte o cervo temeroso;
 Encolhe-se torcendo a hirsuta cauda,
 Tenta, vigia, eípera, e lambe os beiços
 Formando o salto sobre a incauta preza.
 Cegos amantes, aprendei agora
 Os perigos da nimia confiança.
 O zeloso Gonçalo enveste: acodem
 Os companheiros d'huma, e d'outra parte.
 Triste ruido! pedras contra pedras
 Alli se despedaçãõ: ao seu lado
 Acha Cosme a Rodrigo, acha Bertoldo.
 Em quanto dura o fervido combate,
 Dorothea, que vê sem uso a espada,

De

De que o Heróe em furia se não lembra,
 (Que não farás Amor, tu que transformas
 Huma donzella n'hum feroz guerreiro!)
 Desembainha: a Morte insaciavel
 Lhe afia o gume, e o furor sanguineo
 Ergue, e dirige o ferro: já pendente
 Sobre Gonçalo o golpe, falta, e chega
 O amigo a tempo de salvar-lhe a vida.
 Pelos braços o aperta, e nelles grava
 Roxos signaes dos dedos. Em derrota
 Correm os tres, e o campo desamparaõ.
 O misero, infeliz, e novo amante
 As negras furias levaõ, que despertaõ
 No afflicto coração desesperado
 Ciume, raiva, amor, odio, e vingança.
 Assim o invicto domador dos monstros,
 Quando por mão da credula conferte
 Recebeo o vestido envenenado
 No sangue infausto do biforme Nesso
 Os rochedos, e os montes abalava:
 Soaraõ os seus funebres gemidos
 Por longo tempo nas Ismarias grutas.
 Valentes, e indiscretos vencedores
 Tarde conhecereis, e muito tarde,
 Que hum amigo ultrajado he perigoso.

D

Pa-

Assim o invicto domador dos monstros. Hercules, que recebeu de Deianira o vestido tingido no sangue do centauro Nesso, e agitado das Furias se lançou no fogo.

Por longo tempo nas Ismarias grutas. Ísmaro monte de Thracia,

Para soltar os opprimidos braços
 Dorothea se empenha ; mas Tiburcio
 Lançando a esquerda mão á ruiva trança
 A fez voltar , torcendo-lhe o pescoço ,
 Ao claro Ceo a vista ameaçante.
 Gaspar o ferro d'entre as mãos lhe arranca :
 Este hum braço sustenta , outro Gonçalo ,
 E ella presa , e sem forças grita , e geme.
 Não d'outra sorte o touro da Chamusca ,
 Quando tres caens o cercao atrevidos ,
 Dois pendem das orelhas , e hum da cauda ;
 A cornigera testa em vão sacode ;
 Contra a terra se arroja a hum lado , e outro ;
 E depois que não póde defender-se ,
 Mugindo exhala a indomita fereza.

C A N T O V.

A Lto concelho aqui se faz , aonde
 Infeliz Dorothea , o teu destino
 Cruel , e dubio d'hum só voto pende.
 Dos tres herões discordaõ as sentenças.
 Hum deseja , que fique em liberdade
 E do Pai ultrajado exposta ás iras :
 Inexoravel outro pensa , e julga
 Que a sua morte deve dar exemplo ,
 Que encha d'horror as perfidas amantes.
 Gonçalo , que era o unico offendido ,
 Consulta o coração , e se enternece.

Mas

*Não de outra sorte o touro da Chamusca. Todos sabem ,
 que desta Villa são bravissimos os touros.*

Mas o ardente Ciume , que se alegra
 De pintar como crimes horrorosos
 Innocentes accoens , entaõ lhe mostra
 A feia Ingratidaõ , e o torpe Engano.
 A vingança cruel , e o vil Desprezo
 Ainda mais terrivel , que a Vingança ,
 Ganhaõ do coraçãõ ambas as portas.
 Mimosa Dorothea , e como ficas
 C'o as maõs ligadas a hum pinheiro bronco
 Sem outra companhia , que os teus males !
 He este o premio , filhas namoradas ,
 Este o premio de Amor , quando imprudente
 Os ramos passa , que a razãõ prescreve.
 De quando em quando hum ai do peito arranca ,
 Que ao longe os tristes , magoados ecos
 Desperta , e faz sentir os duros troncos ;
 E espera sem defeza (forte ingrata !)
 Que a devorem os lobos carniceiros.
 Assim ligada aos asperos rochedos
 A filha de Cephêo ao mar lançava
 A temerosa vilita , e lhe parece
 A cada instante ver surgir das ondas
 A verde espalda do marinho monstro.

Sem esposo , sem paí , sem liberdade
 Misera Dorothea chora , e geme.
 Ai Marcella cruel , que m'enganaste
 Com teus bellos , fantasticos agouros !
 Queira o Ceo que outras lagrimas sem fructo

D 2

Mil

*A filha de Cephêo Andromeda foi exposta a hum
 Monstro marinho. Ovid. metamorph.*

Mil vezes tresdobradas te consumaõ
 Os encovados olhos ! Que inda a Morte
 A's tuas vozes furda correr deixe
 Peiorando em feu curso vagaroso
 Os momentos de dôr , e de amargura ?

Assim fallava : a leve Fantazia
 Com as cores mais vivas lhe apresenta
 D'escarpados rochedos no alto cume
 O palacio da candida Innocencia
 Cercado de funestos precipicios.
 O' morada feliz , onde não torna
 Quem huma vez rodou entre as ruinas !
 Giraõ no plano do elevado monte
 Cruas dores , remorsos devorantes ,
 As tres Irmãs a Peste , a Fome , a Guerra ;
 O pallido Receio , o Crime , a Morte ,
 As Furias , e as Harpias , que s'involvem
 No turbilhaõ dos miseros cuidados.

Entaõ de tantas lagrimas movida
 A mái soberba do propicio Acafo ,
 A mudavel Fortuna , e já cançada
 De ouvir as tristes queixas de Rufino ;
 Taes palavras ao filho dirigia.

Esse amante infeliz , que em vaõ suspira
 Ache a dita huma vez , e enxugue o pranto.
 Acaba de fallar , e ao mesmo tempo
 Rufino para o bosque s'encaminha ,
 E o Acafo o conduz por entre as sombras

Da pavorosa Noite , que já desce.
A' rouca voz da mísera donzella
Palpita o coração : o Amor e o Susto
Chimericas imagens lhe afiguraõ ;
Mas elle chega : o proprio crime , e o pejo
Cobrem de roxas nuvens o semblante
De Dorothea ao ver-se ainda amada
Por aquelle , que foi ha poucas horas
Alvo de seus insultos , e desprezos.
A molle vista , as lagrimas em fio ,
Que aos coraçãoens indomitos abrandão ,
Que fariaõ n'hum peito namerado ?
Tu me ensinas c'o fraco rendimento
Os meios de vencer. O' sete vezes
Venturoso Rufino , s' ella hum dia
Naõ quizer renovar os seus triunfos ,
E medir a fraqueza do teu peito
Pelo grande poder das suas armas !

Depois de longa , e trabalhosa marcha
Cancado de soffrer em fim respira
O Desertor , e mostra aos companheiros
Os conhecidos montes. Fuma ao longe
A fertil Mioselha , e pouco a pouco
Os outeiros , e as casas apparecem.

Tiburcio , que huma antiga , e voraz fome
Soffreo nestes asperrimos trabalhos ,
Com gosto espera de affoga-la em vinho ,
E já se appressa alegre , e transportado.
Qual o novillo , que perdeo nos bosques

A doce vista do rebanho amigo ;
 E depois de vagar a noite , e o dia
 Por valles sem caminho , a Mãi conhece ;
 Alegre salta , berra , e por momentos
 Espera humedecer entre caricias
 C'ò leite reprefado a boca ardente.

Mas Cosme , que conserva na memoria
 As passadas injurias , por vingar-se ,
 Ao Tio de Gonçalo narra as causas
 Da funesta derrota. Determina
 Gaspar , que os fatigados companheiros
 Achem na propria casa hum doce abrigo.
 De os ver a Mãi s'c' afflige ; mas espera ,
 Que obrigados da fome se retirem.
 Leve foi o Jantar , mais leve a C'ea ,
 E Tiburcio com pena assim chorava
 Os dias , em que fora Thesoureiro
 D' huma rica , e devota Confraria.
 O' fancta occupação , tu nunca viste
 A magra mão da pallida Miseria ,
 Que os fracos membros do mendigo apalpa.
 Sem trabalho em teus providos Celeiros
 A ditosa Abundancia se recolhe.
 Se torno a possuir-te , quantas vezes
 Dos cuidados tenazes , e importunos
 Lavarás a minha alma nas perennes
 Purpureas fontes do espremido cacho !

Mostra Gaspar vaidoso a livraria ,
 Donde o Tio Doutor sermoens tirava.

Mão Gosto, que á razão não dás ouvidos
 Vem numerar as obras, que dictaste;
 Seja a ultima vez, e eu te asseguro
 Que não vejas fumar nos teus altares
 Do Genio Portuguez já mais o incenso.

Geme infeliz a carunchosa Estante
 C'ò pezo de indulgentes *Casuistas*,
Dianas, *Bonacinas*, *Tamburinos*,
Moiás, *Sanches*, *Molinas*, e *Larragas*.
 Criminosa Moral, que em furdo ataque
 Fez nos muros da Igreja horrivel brecha;
 Moral, que tudo encerra, e tudo inspira
 Menos o puro amor, que a Deos se deve.
 Aparecei famosa *Academia*
De humildes, e *Ignorantes*, *Eva*, e *Ave*,
Baculo pastoral, e *Flos Sanctorum*,
 E vós ó *Theoremas predicaveis*,
 Não tomeis o lugar, que he bem devido
 Ao *Kees*, ao *Bem Ferreira*, ao *Baldo*, ao *Pegas*
 Graõ Mestre de forenses subterfugios.
 Aqui *Tiburcio* vê o amado *Aranha*,
 O *Reis*, o bom *Suppico*, e os dous *Suares*:
 D'hum lado o *Sol nascido no Occidente*,
 E a *Mystica Cidade*, d'outro lado
 Cedem ao pó, e á roedora traça.
 Por cima o *Lavatorio da consciencia*,

Pe-

Casuistas Pode ver-se o que delles diz Concina;
 Appar. ad Theol. Christ. c. 6. §. 5.
Theoremas predicaveis . . . Colecção de Sermoens.
Suares . . . Lusitano, e Granatense.

Peregrino da America, os Segredos
 Da natureza, a Fenix renascida,
 Lenitivos da dôr, e os Olhos de agua:
 Por baixo estã de Sam Patricio a cova:
 A Imperatriz Porcina, e quantos Autos
 A miseria escreveu do Limociro
 Para entreter os cegos, e os rapazes.
 Rudes montoes de Gothica escritura
 Quanto cheirais aos seculos de barro!
 Falta ainda huma Estante; mas Amaro
 Seguindo os passos da roubada filha
 Caminha afflicto, e de encontrar receia
 O valente esquadrão, que procurava.
 Tanto a fama das bellicas proezas
 O seu nome fazia respeitado!

Que novas desventuras se preparaõ!
 O povo cerca da Viuva as portas;
 Quando a triste Ignorancia, que deseja
 Arrancar d'entre os asperos perigos
 Aos seus Heróes, por boca de Gonçalo
 Começou a fallar, Se tantas vezes

Mais

Olhos de Agua . . . Obra que tem este titulo = Fluxo Breve, defengano perenne, que o Pegaço da Morte abriu no monte da contemplicação em nove olhos de agua para refrescar a alma das securas do espirito &c.

Todas as obras nomeadas neste lugar são conhecidas, e quando o não fossem bastaria ver os titulos para julgar do seu merecimento, e da barbaridade do seculo, em que forão escriptas. Talvez não sejaõ estas as mais extravagantes á vista do *Chrysol Seraphico*, da *Tuba concionatoria*, *Syntagma comparatifico*, *Primavera Segrada*, &c. *Limociro*, A cadeia pública da Corte.

Mais que heroico valor tendes mostrado ;
 He este o campo , híd a cortar os louros
 Para cingir a vencedora frente.
 Não se diga que fostes opprimidos
 Por fraca , e rude plebe : este combate
 Não se pôde evitar : só dous caminhos
 Em tanto aperto aos olhos se offerecem.¶
 Escolhei ou a India , ou a Victória.

Disse , e depois abrindo huma janella ,
 Arroja de improviso sobre o povo
 De informe barro huma espantosa talha.
 Secco● trovaõ , que faz gemer os Polos
 Quando vomitaõ as pezadas nuvens
 Do occulto seio a negra tempestade ,
 Não causa mais pavor : ao golpe horrendo
 Muitos feridos , muitos assombrados
 Manchaõ do negro pó as mãos , e o rosto.
 Amaro anima aos seus , e em quanto voaõ
 Contra a janella mil pesados feixos
 (Que novo estratagemã ?) O Antiquario
 Finge da capa hum vulto , que apparece
 De quando em quando , com que attrahe as armas ;
 Que haõ de servir depois para a defeza.

Novo furor os coraçõens accende.
 Qual a grossa furaiva ao sopro horrivel
 Do Boreas turbulento embravecido
 As fearas derrota , os troncos despe ,
 E o triste lavrador contempla , e chora
 A perdida esperança de seus fructos.

Assim de pedras vaga, e densa nuvem
 Sahe da janella a devastar o campo:
 As que arroja o Heróe já se distinguem
 Pelo som entre as mais, já pelo estrago:
 A confusão, e o susto ao mesmo instante
 Pelo povo s'espalha: então Gonçalo
 Valeroso sahio por hum postigo:
 Depois Gaspar; o intrepido Tiburcio
 Mettendo o braço, e a cabeça clama;
 Que o não deixem ficar naquelle estado:
 O Heróe as mãos firmando nas orelhas
 Ainda mais o aperta, e deixa exposto
 Da plebe ao riso, á colera de Amaro.
 Quantas vezes Tiburcio desejava
 Não ser de grosso peito, e largo ventre!

O Desertor em fim cançado chega
 A presença do Tio formidavel;
 E a teimosa Ignorancia, que se afferra,
 E que affirma, sómente porque affirma
 O coração de novo lhe endurece.
 A soffrer o trabalho dos estudos
 O Tio o anima, roga, e ameaça;
 Mas o Heróe inflexivel só responde,
 Que não ha de mudar do seu projecto:
 Não he mais firme a carrancuda rocca,
 Com que Cintra soberba entreia os mares:
 Nem

Cintra . . . Serra, que acaba na fóz do Tejo com nome do cabo da Rocca.

Nem tu, ó Paõ de Assucar, namorado
 Da formosa Cidade, Velho, e forte,
 Que dás repouso ás nuvens, e te avanças
 Por defende-la do furor das ondas.

Entaõ fallando o Tio em torpes crimes;
 E em furtadas Donzellas, ergue irado
 Co' a mão inda robusta o páo grosseiro,
 E a paixão desabafa: a longa idade
 Prohibe-lhe o correr; mas não prohibe
 Que o páo com força ao longe o acompanhe;
 Ai Gonçalo infeliz, que dura estrella
 Maligna scintillou quando nasceste!
 Depois de mil trabalhos insoffríveis,
 Onde o gosto esperavas, e o socego
 Viste nascer estragos, e ruinas.
 Assim depois dos ultimos combates,
 Que as margens do Scamandro ensanguentaraõ;
 O Rei potente d'Argos, e Mycenas
 Esperando abraçar saudoso os Lares,
 Abraça o ferro de huma mão traidora.
 Fechadas tem o experto Tio as portas:
 Volta Gonçalo, encontra novos golpes,
 E jaz em fim por terra. Ferve o fangue
 Da boca, e dos ouvidos: sem acordo;
 Apenas se conhece que inda vive;
 Mas tem a gloria de trazer consigo

A

Paõ de Assucar . . Grande rochedo na barra da Cidade
 do Rio de Janeiro.

Rei potente . . . Agamemnon, que voltando do Cerco
 de Troya foi assassinado por Egesto.

A derrotada estúpida Ignorancia.
 Ella reina em seu peito, e se contenta
 De ter roubado aos muros de Minerva
 De fracos Cidadãos o preço inutil.

Goza , Monstro orgulhoso, o antigo Imperio
 Sobre espiritos baixos , que te adoraõ ;
 Em quanto á vista de hum Prelado illustre ,
 Prudente , Pio , Sabio , Justo , e Firme
 Defensor das Sciencias , que renascem ,
 Puras as agoas crystalinas correm
 A fecundar os apraziveis campos.
 Brotaõ as flores , e apparecem fructos
 Que haõ de encurvar co' proprio pezo os ramos
 Nos bellos dias da estaçaõ dourada.
 Possa a robusta maõ , que o Sceptro empunha ,
 Lançar-te n'hum lugar taõ defabrido ,
 Que te sejaõ amaveis os rochedos
 Onde os coriscos de continuo chovem.

SO-

Onde os Coriscos Os Montes Acroceraunos de E-
 piro, onde frequentemente cahem raios.

65

SONETO.

A Terra opprima porfido luzente,
E o brilhante metal, que ao Ceo erguidos
Os altos feitos mostrem esculpidos
Do Rei, que mais amou a Lusa Gente.

Estoja aos Regios pés Dragaõ potente;
Que tanto os povos teve espavoridos,
C'os tortuosos collos suspendidos
No gume cortador da espada ardente.

Juntas as castas filhas da Memoria
As brancas azas sobre o Throno abrindo
Assombrem a dourada, e muda Historia;

Ao Indio livre já cantou Termindo:
Que falta, Grande Rei, á tua Gloria;
Se os louros de Minerva canta Alcindo?

SONETO.

EM quanto o Grande Rei c'ò a mão potente
 Quebra os grilhoens do Erro, e da Ignorancia;
 E em quanto firma com igual constancia
 A' Sciencia immortal Throno luzente.

Nova Musa de clima differente
 Canta do Pai da Patria a vigilancia;
 Vingando a Mái das luzes da arrogancia;
 Com que a despreza o estúpido indolente:

O Monstro de mil bocas sem focego,
 Que a Gloria de José vai repetindo
 Ou sobre a Terra, ou sobre o immenso Pego:

Com ella o nome levará d'Alcindo
 Desde a invejada margem do Mondego
 Ao patrio Paraguai, ao Zaire, ao Indo.

L. J. C. S.

MONDEGUEIDA

POEMA STRAMBOTICO

QUE

AO SENHOR

ALEXANDRE BERNARDO

RODRIGUES PODA

ESTRELLA FIXA DA RUA DAS FANGAS

OFFERECE

ANTONIO CASTANHA NETO RUA.

*O nome do
autor do Manuel
Jornal de Friburgo Matheus
Matheus de Oliveira*

1788

Aut prodesse volunt, aut delectare poetae;

Horat. in Art.

DEDICATORIA

Senhor Alexandre Bernardo Rodrigues
Póda.

J *A' mais em meus dias fiz obra quer fosse em verso, quer fosse em proza, que me attrevesse a da-la ao público, sem que primeiro fizesse eleição de algum Mecenas digno della, como Vm. tera visto. Nestes termos fazendo-me cocegas a tomar a penna o acontecimento da chéa deste anno de 1788; a qual para o futuro terá por excellencia o nome de Grande, e fazendo sobre este assumpto o Poema strambotico, que apresento para gloria do Mondego, e divertimento dos ociosos, pois segundo o Mestre da Arte = Aut prodesse volunt, aut delectare poetæ = e em outra parte, omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci; entrei a calcular o sujeito mais azado para impurrar-lhe o cumprimento da Dedicatoria.*

E

O

O genero da obra , o affecto que lhe tenbo , os repetidos , e sinceros cortejos que Vm. me faz , e sobretudo ser este hum caso espantoso , succedido na sua mesma patria , e não ter Vm. a fortuna de o ver , por estar para isto desgraçadamente impossibilitado ; fizeraõ lembrar-me , que o affecto que eu lhe tenbo , pedia lhe mostrasse a copia , visto não ter gozado a vista do original.


Por tanto , á simplicidade dos seus conceitos , á grandeza dos seus punhos , e aos pés de Vm. no seu mesmo berço , vou appresentar este parto da minha musa.

Digne-se pois mostrar-lhe aquelle bom acolhimento , que tem prompto para todos , que de mais largo , ou de mais perto se lhe appresentaõ.

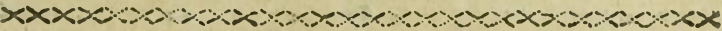
Sou de Vm.

Amantaõ Affectuoso.

Antonio Castanha Neto Rua.



MONDEGUEIDA.



CANTO I.

N^{1.} Em sempre os heróes valentes
A's offenças daõ castigos ;
Hum dia esperaõ prudentes ,
Em que de seus inimigos
Punem acçoens insolentes.

^{2.}
Rafeiro , que ao dono segue ;
Quando de caens de regalo
Traveço bando o persegue ,
Que só com fim de ayiza-lo
Mostra o dente , sem que pegue ;

^{3.}
Mas que vendo-se enjoado
De aturar a gritaria ,
C' hum na boca atravessado ,
Vê a chusma que o seguia
Fugir c' o rabo enroscado ,

4.

Destá maneira o *Mondego* ,
De vinte annos pelo espaço ,
Vio com mágoa , e com sócego
Acanhar-lhe o antigo passo ,
Das riquezas o amor cego !

5.

Vio , que á força de *estacadas* ,
De *muros* , e *marachoens*
Lhe punhaõ freio ás passadas ;
E chèo d'outras razoens ,
Quiz as injurias vingadas.

6.

Encoftando-se ao Tridente ,
Sahio pela vasta turna ;
E anciado , e impaciente
Disse (erguendo-se na urna)
Mais raivoso , que eloquente :

7.

„ Ao Rey das agoas da Beira
„ Tanta injuria a mim , que posso
„ Dar ordens ao *Alva* , e *Ceira* ,
„ E semear o destroço
„ A' minha falla primeira !

8.

„ A mim que tenho por Mái
„ A grande serra da Estrella ,
„ Que não precisa d'alguem
„ Para ajudar-me , pois ella
„ Basta co' as neves que tem !

„ Tan-

9.

„ Tanta injuria . . . aqui batendo
Co' pe no chaõ de raivoso ,
Se foi na cova metendo ;
E deste golpe horroroso
A terra ficou tremendo.

10.

E buscando a Mái formosa ,
Que no cume da montanha ,
Sua frente graciosa
Orna das neves , que apanha ,
E de que se veste airosa ;

11.

Foi acha-la conversando
Com Vulcano , que irritado ,
Pelo delicto nefando
De Venus , tinha jurado ,
Viver tambem tal quejando.

12.

E por não ser suspeito ,
De seu monte aqui vem ter
Por caminho tenebroso ,
Que aos Brontes mandou fazer ;
Em todo o modo engenhoso.

13.

Naõ sómente alli destina
Os passõs , do Amor guiado ,
Mas co' a neve crystalina
Consola o corpo escaldado ,
Da abraçadora officina.

14.

Tendo o rio por costume
 Ver disto nas margens tuas,
 Sem se abraçar de ciume;
 Conta á Mãi as mágoas cruas,
 Dos olhos deitando lume.

15.

A Mãi lhe ordena, que desça,
 E que disponha a vingança,
 Sem que mais soccorros pessa:
 Ouvindo-a o filho descança,
 E parte-se a toda a pressa.

16.

Do coixo Deos se despede
 Da vingança com desejo;
 E a vasta distancia mede,
 Que vai á foz, onde ao Tejo
 O mar a corrente impede.

17.

Sobre huma rocha impinada,
 Que o mar irado carcome,
 A Lua teve morada;
 Deu-lhe isto de *Scintia* o nome,
 De donde *Sintra* he chamada.

18.

Alli rogou tempestades
 A'quella, que o tempo altera,
 E ás maritimas Deidades;
 E a Aquario a chuva mais fera,
 Que tinhaõ visto as idades.

19.

Ao alto de *Mont'achique* ,
 Inclina as azas ligeiras ;
 E por ver pronto o despique ,
 Passando ferras inteiras
 Se eleva da *Estrella* ao pique.

20.

Ou fosse a supplica sua ,
 Ou acafo ; a poucos passos
 Escondeo-se o Irmao da Lua ;
 E vio-se nos ares baços
 Formar trovoada crua.

21.

Por entre o feio negrume ,
 Que de longe apparecia ,
 De huma montanha no cume ;
 Amiudado se via
 Fuzilar subito lume.

22.

O trovaõ medonho , e rouco
 Inda distante estalava ,
 E chegando pouco a pouco ,
 O terrivel som dobrava
 No vale concavo , e outo.

23.

Grossas chuvas se lançaõ
 Pelos cabeços dos montes ,
 Donde aos campos caminhaõ ;
 E de roda os horizontes
 Co' hum diluvio ameaçaraõ.

24.

A *ferra*, que o Filho estima,
 E co' despique se mette,
 Quantas neves tem por cima,
 Em hum momento derrete,
 E á dura guerra as anima.

25.

Na frente deste esquadraõ
 Sahe o *Mondego* arrogante,
 Com seu Tridente na maõ;
 Jurando, d'amaiz possante
 Muralha igualar ao chaõ.

26.

Começa rouco estampido
 A sentir-se pelos vales;
 E das aguas o zonido
 Vem servindo de timbales
 A'quelle esquadraõ luzido.

27.

O *Alva* que a *Mãe* mandava
 A soccorrer o Irmaõ,
 Já no caminho aguardava,
 Com mercê de Capitaõ,
 E a soldadesca ordenava.

28.

Na reta-guarda o seguiaõ
 Os régatos, e os ribeiros,
 Que aproveitar-se queriaõ
 Nesta guerra aventureiros,
 E hum regimento faziaõ.

29.

Como a guerra se sustenta
De roubos, e crueldade ;
E quanto vê, quanto attenta,
E briosa heroicidade,
Chama á furia fanguinenta.

30.

Os Rios postos em guerra,
Nas suas forças seguros,
Junto co' as aguas da serra,
Lagares, asenhas, muros,
Tudo vão pondo por terra.

31.

Houve tal, que ao longe ouvio
O rumor da tropa horrenda ;
Mas tão tarde lhe fugio,
Que lezado na fazenda,
Quasi nadando sahio!

32.

Naõ ha pipa, que naõ saia
A' tona d'agua boiando ;
Naõ ha muro que naõ caia ;
E a amarra os bateis quebrando,
Encalhaõ de praia em praia.

33.

O Lavrador, que da aldêa
Se retira acautelado,
De disgosto co' alma chêa,
Chora a grade, e curvo arado,
Que lhe vai levando a chêa.

34.

Chegando a hum vasto terreno
 Fez alto o chefe das aguas ,
 E dice raivoso : ordeno ,
 Que sem attender a mágoas ,
 Rompaõ tudo a hum meu acceno.

35.

Caminha a esquadra primeira ,
 Que quanto encontra atropela ,
 E vai cortejar o *Ceira* ,
 Que defronte da *Portela*
 Dezenrolava bandeira.

36.

Trazia grossos foccorros ,
 E estimava a occasiã
 De ver seus direitos fôrros ;
 Pela muita vexaçã ,
 De hum *muro* , e de certos *morros*.

37.

Como co' *Mondego* tinha
 Amitade muito estreita ,
 E servi-lo lhe convinha ,
 Desfilou pela direita ,
 Buscando a praia visinha.

38.

Hum dos *morros* , que arrogante
 Sofreo o primeiro embate ,
 Cedendo á furia constante ,
 Em terra com sigo bate ,
 Com ruibombo mal soante.

39.

Vendo o Deos Marte jocundo,
 Cobra brio a leve tropa:
 Com impeto furibundo
 Mette de espora, galopa,
 E poem por terra o segundo.

40.

No calor desta peleja,
 E co' favor da victoria,
 Diz, que quanto erguido esteja
 Por sua completa gloria,
 Nunca mais em pé se veja.

41.

Mas o rancho aventureiro,
 Que hia mais a faquear,
 Do que a mostrar-se guerreiro,
 Correo, e foi rodear
 Hum visinho *taverneiro*.

42.

Defenfreados quizerão
 Provar do licor, que acharão
 Aos toneis assalto derao,
 Mas foi mais o que entornarão,
 Do que o vinho que beberão.

43.

Ainda co' os beiços tintos,
 E cambaleando em terra,
 De mais estragos famintos,
 Tornarão de novo á guerra,
 Porque o vinho os fez distinctos.

44.

E ferrando hum esquadraõ
Ao lado do rio *Ceira*
Caminháraõ d'empurraõ,
E na avançada terceira
Racháraõ o *paredaõ*.

45.

A raiya naõ lhe soffreo
Estar no campo hum só dia:
Mas poz-se alli hum trophêo,
E esta letra, que dizia
Mondego chegou, venceo.

CANTO II.

P ^{I.} Assando o gosto a chacota
 Caminhaõ desenfreados
 Na projectada derrota,
 Destruindo encarniçados
 Por huma, e por outra mota.

^{2.}
 A faia mais destemida,
 Que dos ventos furiosos
 Nunca até alli foi vencida,
 Co' os olhos nos ceos piedosos,
 Fica na chêa estendida.

^{3.}
 As vinhas, que o çumo daõ,
 Que a zombar do frio ensina,
 Alastraõ-se pelo chaõ;
 E sendo aos mais medicina,
 Daõ a si remedio vaõ.

^{4.}
 Risonho o Mondego corre;
 Mas como de tempo antigo
 Por huma das fontes morre,
 Que neste terreno amigo
 A' vista grata discorre;

Que

5.

Que elle amante pertendeo
 Na tua pequena idade ,
 Mas que aos rogos não cedeo ;
 Quiz em pompa , e magestade
 Ir mostrar-lhe o que perdeo.

6.

Era a fonte dos Amores ,
 Taõ celebrada na historia ,
 Por tres féros matadores
 De huma Ninfa , que memoria
 Terá sempre entre amadores.

7.

Alli chegou arrogante
 O seu desprezado esposo :
 Ella que o vê delirante ,
 Soberbo , e vanglorioso ,
 Vai-lhe escondendo o semblante.

8.

E recuando a corrente
 No rochedo se agasalha ;
 E como seu mal não sente ,
 Ouve estas queixas , que espalha
 O Mondego impaciente :

9.

He crível , gritava o Rio ,
 Que tu louca desprezasses
 Meu amor e poderío !
 E que nunca te abrandasses
 Com me ver ao sol , e ao frio

10.

Que meios não procurei
Para te ser agradável?
E porque errado pensei,
Que humilde te fora amavel.
Quanto pude me humilhei!

11.

Vio-me mil vezes o Estio
Andar por aqui de arrojo
Taõ falto d'aguas, e brio,
E taõ cuberto de nojo
Que era regato, e não rio!

12.

Esquecido de quem era,
E com pejo de meus pais,
Desisti, amavel fera,
The dos poucos cabedaes,
Que me dão na Primavera

13.

Nada disto te abrandou
O coração de rochedo!
Deixaste-me? vê quem sou,
Sahe fóra, não tenhas medo,
Vem ver a pompa em que vou.

14.

Força não ha, que embarasse
O meu passo, affás seguro!
E por onde quer, que passe,
Lá para o tempo futuro
O terror, e espanto nasce!

Vem

15.

Vem ver-me , não tenhas pejo ,
 Em quanto aguardo , e detenho
 Estas falanjes , que rejo ;
 E tais que inveja não tenho
 Ao poder do Doiro , e Tejo.

16.

Por hum pedaço esperou ,
 Pensando , que sahiria ,
 Mas em fim desconfiou ,
 E vendo , que presistia
 Em se esconder , abaizou.

17.

Veio á ponte o Rio ousado
 Co' as esquadras , que o seguiaõ ;
 Tendo as dez da noite dado ;
 Quando huns nas camas dormiaõ ,
 Outros nem tinhaõ ceado.

18.

Passou a esquadra primeira ,
 Que na frente comandava
 O temivel rio Ceira ;
 E a Ponte , que isto observava ,
 Mostrou-se hum tanto grosseira.

19.

O Mondego , que o roáz
 Desprezo vinha mascando ,
 O pé recuando atraz
 Lhe disse as vozes alçãdo ,
 Entre cousas de si más :

20.

Ou Jove não tem na mão
Raios, que forja Vulcano,
Ou no caso as cousas 'staõ,
Que até pode do Oceano
Fazer escarneo hum anaõ.

21.

Que a mal creada não veja
Quem passa . . . aqui de enfiado
Entre as ondas gorgoleja?
E tremendo de inraivado,
Sopra, toce, ruge, e arqueja.

22.

E depois profegue: he justo
Aos Grandes guardar respeito,
Quando não, com tenue custo
Recobrarei o direito,
Que me nega hum timbre injusto.

23.

Tu co' chapeo na cabeça
Ao ver-me passar em guerra?
Inda faltava mais essa!
Não temes te ponha em terra
Ao rouco som d'huma peça?

24.

A Ponte, que he grande em si,
E tem rendas abastadas,
Segundo o que sempre ouvi,
Deu-lhe quatro gargalhadas,
E toi-lhe fallando assim =

25.

O' lá como vem pomposo ,
 Respeitavel , e arrogante !
 O' quanto o Inverno chuvoso
 Lhe muda a côr do semblante ,
 E o torna féro , e vaidoso !

26.

Naõ ha seis mezes inteiros ,
 Que por aqui nos corria ,
 Encostado aos arrieiros
 E taõ pobre , que pedia
 Agua ás fontes , e aos ribeiros.

27.

Agora foso , e chibante
 Nem quem eu seja conhece ,
 Quam antiga , e quam , possante !
 Em fim de tudo se esquece
 Porque se vê abundante.

28.

Sempre a mim me pareceu ,
 Que havia seguir a estrada ,
 Que a vileza descreve ;
 Que he naõ se acordar de nada
 Com dez reis d'agua de seu !

29.

Foi dos ratos , e toupeiras
 Ha dous dias vadeado ,
 E brinco das lavadeiras !
 Hoje quer ser cortejado ,
 E pucha tropas guerreiras !

30.

Ora vá, que eu lhe prometto
 Dar-lhe a reposta em Agosto,
 Quando menos circunspecção
 O vir, procurando encofsto,
 Mais magro, que hum esqueleto

31.

Então lhe tomarei contas
 Do que diz, por huma vez:
 E para vingar affrontas,
 Dar-lhe-hei a beijar os pés
 De meus dedos pelas pontas.

32.

Aqui rugio o Mondego,
 E comsigo murmurou
 Tres vezes no fundo pego!
 Correo-se, porém ficou,
 De furor, e raiva cégo.

33.

Tres vezes quiz distarçar
 A sua justa vingança;
 Mas bramindo mais que o mar,
 Tres vezes raivoso avança,
 Sem se poder explicar!

34.

Bradando então: guerra, guerra;
 A' rija ponte arremette;
 E formando huma alta ferra,
 Lança-lhe as mãos ao topete,
 E poem-lhe o riçado em terra!

35.

Vendo-se ella injuriada ,
 (Sem que tosse a vez primeira)
 Quiz chamar agoniada
 Agua-Maias , e Cidreira ,
 Porém ficou suffocada ,

36.

O Mondego vantajoso
 Desta victoria segunda ,
 Calcando-a ás plantas vaidoso ,
 De tanta alegria abunda ,
 Que até canta , e salta airoso.

37.

Mas como senão contenta ,
 Dos estragos , que lhe fez ,
 Chamando a tropa cruenta ,
 Dá parte , que desta vez
 Na Cidade hum saque intenta

38.

E mandando desfilar
 Pelo seu direito lado ,
 Toda a gente quer notar ;
 Porque elle he rio versado
 Na sciencia militar.

39.

Agora dize-me , ó Musa
 As tropas quantas , e quaes
 Trazia a marcha confusa :
 Ao, menos os Generaes ,
 Que he cousa que não se escusa.

40.

Alli militava o *Alva* ,
 Mui possante , e circunspecço
 Co' a frente rugosa , e calva ;
 Acompanhado de hum neto
 De cor rubicunda , e alva.

41.

A este deu a vanguarda
 Por capaz , e por irmaõ :
 Era verde a sua farda ,
 Levava o *Cova* , o *Lorvaõ*
 E o *Tobinho* em sua guarda.

42.

Vinha o *Ceira* belicoso ,
 Pela frente coroado
 De seu salgueiro frondoso ;
 De hum sobrinho acompanhado
 Valente , mas orgulhoso.

43.

Destinou-lhe as duas alas ,
 Pois ambos elles podiaõ
 Com coragem sustenta-las :
 Fardas vermelhas traziaõ ,
 E lanças como a de *Pallas*.

44.

Seguia-o certo ribeiro ,
 Que tem o seu nascimento
 Alli n'hum visinho *Oiteiro* :
 Traz consigo hum regimento
 De fontes sim , mas guerreiro.

45.

Nem eu me espanto que o seja ,
Porque a Amazonia Camilla
Aos heroes servio de inveja ;
E as femeas saõ caens de fila
Na fervença da peleja.

46.

O Mondego o General
Em chefe da expedição ,
Ao Nilo em forças igual ,
A' reta-guarda na mão
Tem o Estendarte real.

47.

Ve-se nelle debuxada
De Arethusa a linda forma
A Alfeo fugindo assustada ;
E a fonte em que se transforma
E o Rio de que he buscada.

CANTO III.

I.
Dispostos os batalhoens ,
 Manda tocar a investir ;
 Huns medonhos borbotoens
 Das aguas , se entraõ a ouvir
 Por beccos , e boqueiroens.

2.
 Lá no bairro das Améas ,
 A maior parte da gente ,
 Huns estivaõ já sem meias ,
 Outros lidando de dente ,
 Outros mettidos nas réas.

3.
 E toda a mais maganage ,
 Folgos vís , que alli habitão ,
 Aos vicios dando pastage ,
 Huns ao som da banza gritão ,
 E os outros trataõ da gage.

4.
 Eis-que dando de pancada
 Pelas ruas o Mondego ,
 A' fuga toma a passada ;
 E em fatal desassocego
 Deixa a gente mal fadada.

Que

5.

Que gritos não dás aos ares
 O' moça roliça e guapa,
 Que entre lutos, e pezares
 Embrulhando-te na capa
 Te queres deitar aos mares.

6.

Outra tal, que o tio velho
 Esperava ouvir dormindo,
 Lá no fetido cortelho,
 E estava o rosto bornindo
 Ante o seu falaz espelho.

7.

Deixa o coto da pomada;
 Larga as fitas do cabello;
 Entorna a branca alvaiada;
 E cuve mais fria que gelo
 Bater-lhe a chêa na escada.

8.

Huma que os grellos temprava
 Para o manço companheiro,
 E que o azeite espreitava,
 Que o gelado Fevereiro
 Na amotolia embargava.

9.

Largando tudo no chaõ,
 Com dous filhos agarrada
 Trepá acima de hum caixaõ;
 Até d'alli ser tirada
 Por mais piedosa maõ.

10.

Huma na mão co' a candeia
 As alturas espreitava,
 A que hia chegando a chêa,
 E nas caras, que traçava
 Era cem vezes mais fea.

11.

No combate de Inglaterra
 A chegada do Magtiço,
 Na gente que via a guerra
 Não fez tanto roboço,
 Como o Mondego na terra.

12.

Os ais que aos ares mandavaõ
 Albanas, Nizes, Tirceas,
 E os soluços, que espalhavaõ,
 O final dia às amêas
 Cá de longe annunciavaõ.

13.

Hum çapateiro, que o bucho
 De vinho tinha atacado,
 Correo a pegar no bucho
 Erguendo-se atrapalhado,
 Da porta ao terceiro pucho.

14.

Mas vendo que pela greta
 Entrava o Rio ás golfadas,
 C' os çapatos de chanqueta,
 Disse ao som de gargalhadas:
 Agua em minha casa he peta.

Por

15.

Por Bacco que ha já trinta annos
 Que nem a gasto ao lavar!
 Arrêa, fora maganos,
 E deixem-me ir enroupar,
 Que me esfriaõ os tutanos.

16.

Para a cama se transporta
 Aquella alma socegada!
 E o Rio que não lhe emporta
 O Deos Bacco, de pancada
 Lhe deu em terra co' a porta.

17.

Co' a alma entaõ chea de mágoa
 E a pança de vinho chêa,
 Fugio entre o frio, e fragua,
 Não sei se á furia da chêa,
 Ou sómente á vista d'água.

18.

Para hum soto que trepou,
 De donde rosnando alegre
 Porque a tempo se escapou,
 Bucho, formas, e bizegre
 Boiando n'água avistou

19.

Entaõ com voz mui gosmenta
 Que dos beiços desprendeo
 Gritou: deixe a ferramenta;
 Isto dito, adormeceo
 Co' hum trovaõ em cada venta

20.

Neste tempo o Rio Ceira
 Pelo Romal, e no cais
 Levantou tanto a vizeira
 Que fez por alli as vestais
 Velar huma noite inteira.

21.

Mal diz huma não ter ido
 Logo da noite ao começo
 Onde tinha promettido;
 Pois este dezaestre aveço
 Não teria padecido.

22.

Lembranças do que perdera,
 E a vista do mal presente
 Lhe fazem peleja fera;
 Em quanto outra mais prudente
 As suas mágoas tempera.

23.

Huma, que Venus por Bacco
 Deixou contra seu desejo,
 Sorvendo podre tabaco
 De seca borôa, e queijo
 Vai tasquinhando o seu naco.

24.

Ha tal que altanando o peito,
 Pelos estragos que bella
 D' Amor nos choques tem feito;
 Quer ás aguas da janella
 Infundir algum respeito!

25.

E porque ouvira dizer,
 Que a linda Venus fizera
 As ondas adormecer,
 Julgou tambem que podera
 Tanto ao Ceira merecer.

26.

Mas o Rio que a batalha
 Tomara a peito lial
 Tratou-a de pouca valha;
 E por desfeita o portal
 Lhe entulhou com cisco, e palha.

27.

Seguindo sua carnagem,
 Toda a casa neste dia
 Trata de livre estalagem,
 E á natural porcaria
 Dá nunca vista lavagem.

28.

Por banca, e cantareiras
 Salta mais destro que hum gato;
 Aqui rouba salgadeiras,
 Alli faz em dous hum prato,
 Além quebra frigideiras.

29.

Assim vai amontoando
 Estragos de rua em rua,
 Seus camaradas buscando,
 Que a mesma peleja crúa
 Raivosos vão semeando.

30.

Vinha o Alva de Samsam
Na frente dos seus ribeiros,
E topando-o de empurrao
Na rua dos Capateiros
Deu co' huma casca no chaõ.

31.

Quaes as formigas sentindo
Sua cova esbarrondar
O tardo boi, que imprimindo
O pé lha rompe, e salvar
Buscaõ as vidas fugindo:

32.

Taes aquelles desgraçados,
Que na morada se acharaõ,
De hum frio susto passados
Fugindo, as vidas salvaraõ
Pelos visinhos telhados:

33.

Certo velho que já tinha
Bons noventa e sette feito,
Vio andallo huma visinha
Ao cimo d'agua no leito
Como n'huma bateirinha.

34.

O Mondego que illustrado
Era de Marte, e Minerva
Por astuto, e acautelado
Tinha hum corpo de reserva
Posto do Cais apostado

35.

Por ver-se de huma vez pago
Mandou-lhe no mantimento
Fazer hum tyranno estrago
Que deixe no esquecimento
O de Troya , e de Cartago.

36.

A tropa desenfreada
Dominando na Cidade
Em seu poder confiada
Obra co' a mesma vontade
Que lhe fora encommendada.

37.

Entrando por armazens
E Celeiros de repente
Embaria arrós , e paens
Que aos damnos para o diante
Promettiaõ mais vintens.

38.

Sahe das vasilhas de páo
De azeite corrente loura
E dá pela barba o váo
As Sardinhas de salmoira
E ao tifico bacalháo.

39.

Centimano polvo seco
Em cambadas enfiado
Prezuntos de terras d'ecco
D'agua barrenta arrojado
Vai indo de beco em beco.

40.

Loira enroscada letria,
O pallido macarraõ,
Com que eu tenho simpatia
Esfarelando-se vaõ
Aos imporroens d'agua fria.

41.

Nem da funesta quadrilha
De Soldados taõ Ladroens
Puderaõ fugir á pilha
Os providentes fogoens
Grãos de bizzo fava, e ervilha.

42.

Vem-se vir encontroens dando
Pelas esquinas as Pipas
E aos saltos como arquejando
Do vinho as ultimas tripas
Vai pelas bocas lançando

43.

Ao taverneiro mesquinho
Corre o pranto até aos pés
Mas quem tem do mundo o aninho
Mandou vencer desta vez
O Deos d'agua ao Deos do vinho.

Item enuncia...
 O pallio...
 Dom...
 Est...
 Ad...
 De...
 Pro...
 Qu...
 Et...
 Per...
 In...
 De...
 Ad...
 Con...
 Me...
 Mi...
 O...

CANTO IV.

D ^{1.} Ispertando no Oriente
 Neste tempo a luz Phebêa,
 Vai indo rapidamente
 A catastrophe da chêa
 A' noticia da mais gente.

^{2.}
 Hum sê levanta do leito,
 E da janella lamenta
 A despesa, que tem feito
 N'huma estacada, que augmenta
 O seu patrimonio estreito.

^{3.}
 Outro vê de erguida ferra,
 (Sua ambição maldizendo)
 Altos valados por terra!
 Outro o muro, em que batendo
 Irado o Mondego berra!

^{4.}
 De hum só teve a chêa ingrata
 Attenção aos cabedaes;
 E na geral desbarata,
 Com prejuizo dos mais
 Ficou-lhe a função barata.

G

Em

5.

Em alas pela Couraça
 A gente se amontuava ;
 Huns á ponte , outros á praça
 Hum vão defejo levava
 De ver a commum desgraça.

6.

Procuraõ ser testemunhas
 Dos ditos desesprados ,
 E escutar as caramunhas
 Dos miseros alagados ,
 De fóra lambendo as unhas!

7.

Toda a gente alvoraçada
 Co' remedio não atina :
 Alli corre de enxorrada
 A irmandade da batina
 E affombra-se a caloirada!

8.

D'entre esta chusma houve tal ,
 Que disse , que o nosso Gama
 Não vio agua áquella igual :
 Outro erudito lhe chama ,
 Hum diluvio parcial.

9.

As velhas , que em dias seus
 Não viraõ tanto , a gritar ,
 Chamando a todos aréos ,
 Não cessaõ de lhes prégar ,
 Que são castigos dos Céos.

10.

Eu vi de erguidos outeiros ,
Onde a vida puz segura ,
Boiar pipas , e madeiros ,
E bateis , que a má ventura
Levou aos tristes barqueiros.

11.

Vi que hum monte , e outro monte
Servia ao Rio de mota ;
E o sitio , onde estava a Ponte ,
A' qual na cruel derrota ,
Nem se via o bró defronte !

12.

Com feu barrete incarnado
Vi hum arraes , que escapara
N'huns ramos escarranchado ;
E hum rapaz que amarrara
Ao freixo , de aguas cercado !

13.

Mas já da terra a Nobreza
Leves barcos preparava ,
Com comida a gente preza :
E ao vèllos , cuidei que estava
Na maritima Veneza.

14.

Para haver de mariscar
O providente foccorro ,
Huma começa a bradar :
Acuda-me senão morro ,
Que já não posso piar :

Por

15.

Por trapeiras , e janellas
 Estaõ as maõs estendendo
 Hipotethicas donzellas ,
 Pranto amargo desprendendo
 Pelas faces amarellas.

16.

Os argonautas viloens ,
 Commissarios da comida ,
 Excogitando razoens ,
 Proveem a gente opprimida ,
 Segundo as suas paixoens.

17.

Vai-se aos Lares hum por hum ,
 Curando o cruel revez ,
 De involuntario jejum ;
 Da-se o paõ ; aos nossos tres ,
 E a muita gente nenhum.

18.

A huma reçaõ , e meia
 Se entrega , por ter comsigo
 Sobrinha , a quem naõ receia
 Por entre as maõs do inimigo ,
 E apagar-lhes a candeia !

19.

A outra daõ-se tres paens ,
 Além da reçaõ mandada ,
 Porque terna aos dous vaivens
 Abre a porta mal trancada ,
 Antes que ladrem os caens.

20.

Mas nem por isso esquecidos
Sereis de meu verso rude,
O' varoens compadecidos,
Que, em serviço da virtude,
Acudís aos desvalidos.

21.

Porque a má repartição
Não tira o merecimento,
Daquelle impulso Christão,
Com que em lanse tão violento
Lhe acudís á vexação.

22.

Nem no escuro Lethes váraõ
Esses quatro aventureiros,
Que as duas vidas salvaraõ
Daquelles pobres barqueiros,
Nem as bolsas, que os cegaraõ.

23.

Mas como grande rumor
Hia já pela Cidade,
O Mondego, vencedor,
Vaidoso da crueldade,
Mandou tocar o tambor.

24.

E quando o sol descahia
Buscando Thetis amada,
Toda a tropa que o seguia,
N'huma airosa retirada,
Da terra se despedia.

25.

Principiaraõ de entaõ
 A fazer se manifestos,
 Com mágoa do coração,
 Esses estragos funestos,
 Que presentes inda estaõ!

26.

As casas arruinadas,
 As ruas cheias de lodo,
 Revolidas as calçadas,
 Sem comida o Povo todo,
 Por estorvo das estradas!

27.

A ponte faz mágoa vella,
 Sem os antigos reparos,
 E té co'espinhaço á vella!
 Affás lhe fahiraõ caros
 Huns ditos de bagatella!

28.

Mas porque da grande cheia
 Foraõ causa as *estacadas*,
 O rio que se recrêa
 Na vingança, derrotadas
 As deixa, e fartas de arêa.

29.

Entaõ chegando á *Quebrada*
 Sobre a parede se ergueo,
 E com voz desentoada,
 Atraz os olhos volveo,
 E disse, co'a maõ alçada

30.

Suspira povo atrevido,
Que pelo meu leito largo
Tens as terras estendido;
Eu acordei do lethargo,
E o crime fica punido!

31.

Reforça, repara agora
As ruínas, que eu te fiz;
Essas paredes melhora;
Vellas-has pela raiz
Tirar em menos d'huma hora!

32.

Mette até ao centro escuro
Enlaçada estacaria;
Abrangea de ferro duro,
Será minha zombaria
Lá para o tempo futuro.

33.

E tu orgulhosa *Ponte*,
Agradece-me em pé veres
Inda o pai de *Phaetonte*!
E baste para temeres,
A afflicção do dia de honrem!

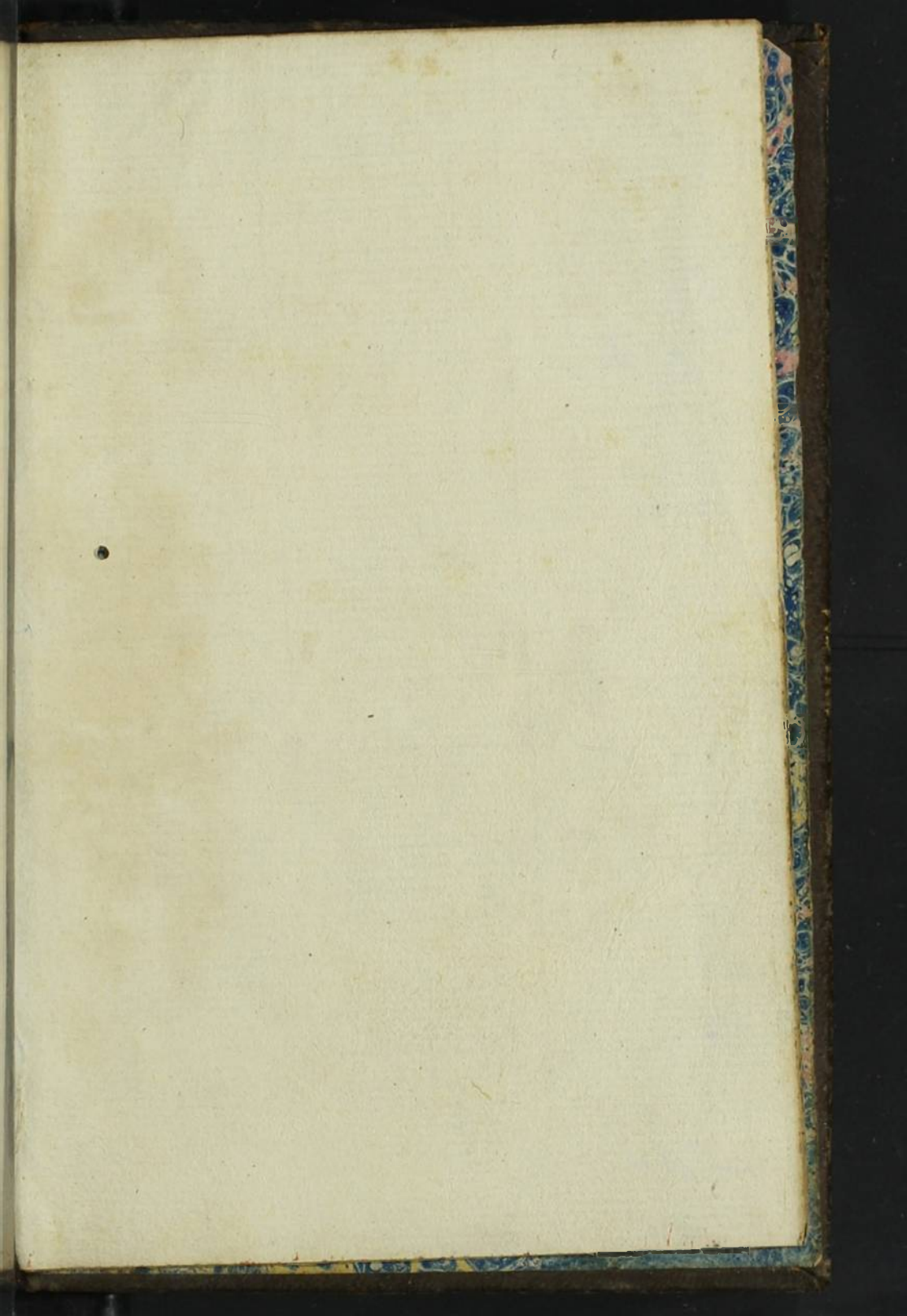
34.

Disse: e movendo o tridente
Faz signal; em via recta
Marcha das aguas na frente,
Ao som de rouca trombeta,
Que em todo o campo se sente.

35.

Consumida a noite inteira ,
Fazendo-se pelo gado
Derrota a mais carniceira ,
Ao romper do Sol doirado ,
Chegou vaidoso á Figueira.

F I M.



22982

19028

